



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO DIÁLOGO DE VANGUARDAS



PRÉMIOS GULBENKIAN | CONFERÊNCIA EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
COMO O CINEMA ERA BELO 50 FILMES INESQUECÍVEIS | CICLO MEDICINA E SINAIS DOS TEMPOS
EXPOSIÇÃO FERNANDO CALHAU | FESTA DOS LIVROS GULBENKIAN

ÍNDICE

PRESIDÊNCIA / ADMINISTRAÇÃO

CONFERÊNCIA GULBENKIAN.....	2
ESTADO DO MUNDO.....	5

DESTAQUE

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO – DIÁLOGO DE VANGUARDAS.....	6
--	---

ACTUALIDADE NA FUNDAÇÃO

A MAGIA DO CINEMA DE REGRESSO AO GRANDE ECRÃ.....	11
EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.....	13
PROJECTO GULBENKIAN DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA ESCOLA PORTUGUESA.....	14
ENCONTRO DE LITERATURA PARA CRIANÇAS.....	15
FESTA DOS LIVROS GULBENKIAN.....	16
LIRE EN FÊTE NO CENTRO CULTURAL DE PARIS.....	16
EXPOSIÇÃO FERNANDO CALHAU.....	17
INAUGURAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES JOSÉ PEDRO CROFT, PEDRO CABRITA REIS E MUNDOS DE SONHO.....	19
SIMETRIAS SUBLIMES.....	20
CICLO MEDICINA E SINAIS DOS TEMPOS.....	21
FÓRUM GULBENKIAN IMIGRAÇÃO.....	22
A CIÊNCIA E A CIDADE. O PLANO.....	22
FUNDAÇÃO CRIA PRÉMIOS GULBENKIAN.....	23
FUNDAÇÃO ASSINA PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO COM A EMIRATES FOUNDATION.....	23
BREVES.....	24

Um ROSTO DA DANÇA

MARIANA ROCHA.....	26
--------------------	----

Um ROSTO DO CINEMA

CLÁUDIA TOMAZ.....	27
--------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

ESTOJO PARA PENAS, PÉRSIA, PERÍODO QAJAR.....	28
---	----

UMA OBRA DO CAMJAP

FERNANDO CALHAU.....	29
----------------------	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

VARIANTE.....	30
---------------	----

AGENDA

.....	31
-------	----

PUBLICAÇÕES

.....	35
-------	----

MEMÓRIA

.....	36
-------	----

NEWSLETTER Nº 78. NOVEMBRO. DEZEMBRO. 2006

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27
info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

COLABORAM NESTE NÚMERO

Ana Barata [Uma Obra da Biblioteca de Arte] | Nuno Faria [Uma Obra do CAMJAP]

Maria Queiroz Ribeiro [Uma Obra do Museu Gulbenkian]

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX]

CAPA Amadeo de Souza-Cardoso, *Avant la corrida*, 1912

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 10000 exemplares

ESTE NÚMERO INCLUI O CALENDÁRIO DAS ACTIVIDADES EDUCATIVAS ARTÍSTICAS DA FCG

VALORES PARA UM NOVO TEMPO

É TEMPO DE REENQUADRAR VALORES ANTIGOS E TER CORAGEM PARA CRIAR NOVOS, DIZEM ALGUNS GRANDES PENSADORES. ÉTICA DA RESPONSABILIDADE, ÉTICA CIENTÍFICA E AMBIENTAL, COOPERAÇÃO E ESPERANÇA SÃO PALAVRAS DE ORDEM NUM CAPÍTULO DECISIVO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE.

A tarefa é desesperadamente urgente”, escreveu Fernando Gil, arquitecto da conferência *Que Valores para Este Tempo?*, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian e comissariada por Danièle Cohn (25 a 27 de Outubro). “Perante a angustiante crise espiritual do nosso tempo é oportuno interrogarmo-nos sobre o que se pode chamar, sem exagero, uma crise geral de sentido”, escreveu o filósofo, falecido em Março passado. O repto de Fernando Gil reuniu pensadores, cientistas, intelectuais e público, em tom de homenagem à sua vida e obra, para procurar novos sentidos na existência humana. Na abertura da conferência, Emilio Rui Vilar, presidente da Fundação, identificou as ameaças: “A preocupação com o desastre ecológico, com a inumanidade do homem, que se enxertam no relativismo das cobardias ou na arrogância dogmática dos fanatismos. São as várias finitudes, ou aparentes perplexidades a que Fernando Gil chama ‘crise geral do sentido’, para depois acrescentar que a única resposta é a procura de novos valores e de continuidades insuspeitas.”

O estado de desalento actual tem origens em Nietzsche, explicou Eduardo Lourenço, porque foi ele quem “fez tábua rasa dos valores e colocou o Homem perante si próprio. A revolução de Nietzsche foi colocar em causa a validade e pertinência da trindade platónica [Verdade, Belo e Bem] que presidiu ao processo do pensamento ocidental, substituindo-o pelo questionamento dos valores.”

É em consequência desta dissolução que surge a crise contemporânea, garantiu o filósofo, porque os homens têm sido incapazes de criar novos valores. “E, como não somos capazes de os criar, somos suas vítimas. Esta é uma crise do sentido, daquilo que somos, como seres que pensam, sofrem e morrem.”

Numa altura em que se fala em “fim de certezas, em negação das tradições, em descrença nos ideais”, o Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, sublinhou também



Olíando Teixeira

Eduardo Lourenço, Aníbal Cavaco Silva e Emilio Rui Vilar na sessão de abertura da conferência.

a necessidade “de conferir novos sentidos aos valores de sempre e, mesmo, de vislumbrar novos valores.” Apesar da descrença, para o chefe de Estado há esperança, porque o homem vive em comunidade e, “para não ser solitário, tem de ser solidário”. Cavaco Silva elogiou, por isso, o voluntariado – “que continua a atrair jovens” – e apelou aos portugueses para que aprofundem o espírito de cooperação. No painel dedicado à discussão sobre um mundo em crise, os especialistas convidados afastaram os cenários mais radicais. Não se deverá falar no fim do sujeito, da racionalidade, da verdade, da beleza, ou da história, pelo menos não para já, ou sem ter em consideração as repercussões destas mortes anunciadas: segundo Patrick Nerhot, a necessidade estrutural de proclamar o fim do sujeito é um absurdo; de acordo com Jean Petitot, as críticas à racionalidade são infundadas; Jacques Bouveresse avisou que, se equacionamos o fim da verdade, temos de pensar se isso é possível e quais as suas consequências; no entender de Hubert Damisch, a beleza foi substituída pela arte, mas não pode dizer-se que já não seja um factor importante.

HISTÓRIA DE UM FIM ANUNCIADO

Numa das intervenções mais esperadas, Robert Kagan, da Carnegie Endowment for International Peace, desmistificou “o fim da História”. O historiador, que é considerado um dos 100 intelectuais mais populares do mundo pelas revistas *Prospect* e *Foreign Policy*, acredita que foi afastado o prognóstico de mundialização crescente do liberalismo, avançado por Fukuyama. Exemplos disto serão as opções da China e a da Rússia, que, apesar de empenhadas numa liberalização económica, “têm tomado medidas mais restritivas na esfera política”. O final da Guerra Fria descongelou as tensões de um mundo bipolar, mas veio permitir eventos “altamente

improváveis” num cenário de equilíbrio entre duas grandes potências. A invasão do Kuwait por Saddam Hussein, a intervenção de 1991 no Golfo, aprovada pela ONU, com a sequente mobilização de forças na região para prevenir agressões futuras (será uma das “fontes de inspiração” para Osama bin Laden), não teriam acontecido, assegurou o historiador. Ou seja, o 11 de Setembro de 2001 poderia não constar nos manuais de história. Nesta conjuntura, segundo Kagan, há uma nova geopolítica em que os Estados Unidos se instalam como potência unilateral, numa ordem só possível por não haver tensões bilaterais que possam desencadear um conflito mundial. Assim sendo, reúnem-se as condições para que os Estados Unidos apostem na sua política de “poderio militar”: nos últimos 12 anos, o país desenvolveu nove “intervenções militares significativas”, da invasão do Panamá à actual guerra do Iraque, com uma média de “uma em cada 18 meses”. A estratégia bélica dos Estados Unidos opõe-se à vontade europeia “de manutenção da paz e da ordem internacional”, justificando a frase de Kagan na obra *Paraíso do Poder*, “os norte-americanos são de Marte e os europeus são de Vénus”. O historiador acredita que as duas potências atlânticas querem seguir caminhos diferentes e avisa que “o próximo Presidente norte-americano, seja John McCain ou Hillary Clinton, ainda estará mais disposto a usar a força do que a Europa”. Europa e Estados Unidos “não voltarão a partilhar a geoestratégia” e, nesta bifurcação de vontades, é natural que “a América esteja a sofrer uma crise de legitimidade” como superpotência, explicada em parte pela intervenção no Iraque. Com um Conselho de Segurança da ONU enfraquecido, a legitimidade da acção internacional residirá, garante Kagan, “nestes valores liberais que partilhamos, na crença na universalidade da liberdade individual, na luta contra o despotismo”.



Henri Atlan, Maria Dalla Chiara, António Coutinho e Zenon Pylyshyn.



Robert Kagan



John Keane

UMA DEMOCRACIA MAIS HUMILDE

O politólogo John Keane apontou falhas à tese de Kagan por ser imprecisa e por só ter em conta o indivíduo, desconsiderando o papel da sociedade civil. Conhecido pelo trabalho *Democracy and Civil Society*, Keane advertiu, nomeadamente, para a arrogância dos Estados Unidos e da própria Europa, que apregoam a superioridade da sua forma de vida e do seu ideal democrático, que, como defendem alguns estrategas, deverá ser imposto sobre ideais menores, usando a força, se necessário. Recordando Churchill, Keane acredita que a democracia pode ser o menos mau dos sistemas conhecidos, mas “não é um valor universal”. É, sim, “o melhor meio para assegurar a sobrevivência da nação” e, por isso, existe “para defender o pluralismo e diferentes estilos de vida”. Nesta lógica, “é preciso democratizar a norma da democracia”, porque não se pode aplicar de forma unilateral a democracia a sociedades que não estão preparadas para a acolher, como acontece em alguns casos no mundo islâmico.

Às potências ocidentais cabe antes a responsabilidade de “tornar o ideal de democracia mais humilde, porque ela deve ser uma condição de possibilidade, uma liberdade contra arrogâncias”. E é aqui que deve intervir a sociedade civil, entende Keane, já que ela “foi, como princípio, desenhada para tornar o poder mais humilde”.

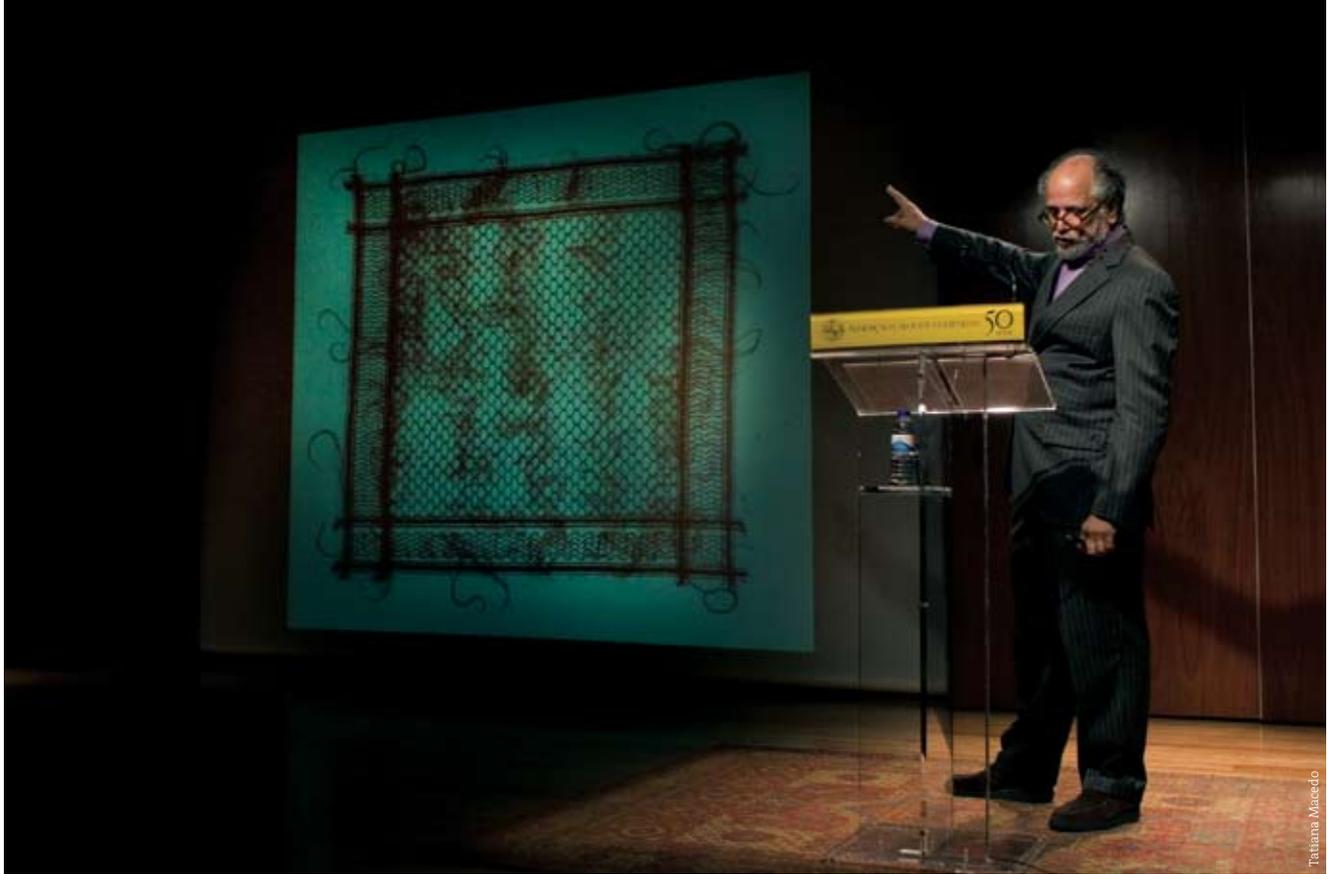
QUE APOCALIPSE?

Às inseguranças da nova ordem mundial somam-se as incertezas trazidas por avanços tecnológicos e científicos, que melhoram a qualidade de vida, mas colocam o homem perante novos dilemas. Neste processo de desenvolvimento há um planeta a esgotar-se e, hoje, mais do que nunca, uma catástrofe global poderá estar no horizonte. Para que a humanidade sobreviva é preciso responsabilidade, defenderam os conferencistas.

O investigador e médico francês Henri Atlan esclareceu distinções entre a vida e a morte, entre a consciência

e a inconsciência, abrindo o debate a temas controversos como a clonagem ou o aborto. Sem tomada de posições, Atlan propôs uma ética mutável, “liberta, embora parcial e progressivamente, da ignorância e das superstições”. Estas são questões que surgem, em parte, pelos progressos da tecnologia e da ciência, que “alteraram radicalmente a epidemiologia da morte. As promessas parecem não ter limites e o progresso é vertiginoso”, disse João Lobo Antunes. Contudo, alertou o investigador, tem de se travar os excessos: “Poderá argumentar-se que todas estas tecnologias são neutras em relação a valores morais ou éticos, particularmente no contexto cognitivo. Mas, de facto, a tecnologia só é válida no seu contexto funcional e, aí, ela está intrinsecamente impregnada de valores morais.” Com esta premissa presente, é preciso comprometimento, “às éticas da liberdade e da obediência impõe-se uma ética da responsabilidade, ou seja, a equidade da partilha”. De responsabilidade falou também Jean-Pierre Dupuy. Segundo o professor, a sobrevivência da Humanidade está em jogo devido à sua própria acção. Com a bomba atómica e com o uso desenfreado dos recursos do planeta, provocando alterações climáticas violentas, está iminente uma catástrofe global. Face ao apocalipse, a Humanidade tem de estar consciente do perigo do fim e pensar em soluções, numa “ética para o futuro que assegure o futuro”.

Para fazer frente “ao desastre ecológico anunciado”, como lhe chamava Fernando Gil, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian anunciou a criação de um novo Programa Gulbenkian de Ambiente, falando em responsabilidade, abertura e esperança. Também Fernando Gil, ainda que preocupado, estava optimista quando preparava a terceira conferência da Fundação de que foi mentor: “Felizmente, os desenvolvimentos das ciências e das artes e uma consciência social e política que pouco a pouco se elabora contra o pano de fundo da crise (ela é requerida por esta) permitem-nos, sem voluntarismo nem *wishful thinking*, alimentar a esperança de se chegar ao fim do túnel.” ■



Tatiana Macedo

HOMI BHABHA ABRE ESTADO DO MUNDO

Na palestra que inaugurou o fórum cultural O Estado do Mundo, Homi K. Bhabha alertou para os riscos, mas também para as potencialidades de um mundo em globalização. À exposição do professor de Literatura Inglesa e Americana e de Estudos Afro-Americanos na Universidade de Harvard, seguiu-se o lançamento do livro sob a égide deste fórum que se estende até final de 2007.

Homi Bhabha apontou as transformações à escala global e local, marcadas por divergências e contradições na economia, na política, mas também nos afectos. Segundo o especialista em pós-colonialismo, esta ambivalência provoca cada vez mais inquietude e receios: “Quando defensores do comércio livre (*free-marketers*) e bombistas se sentam lado a lado – e é-nos impossível distinguir uns dos outros –, somos confrontados com um sentido de incerteza global e insegurança que lança uma sombra na ordem global.” Além do mais, frisou, a acção humana é imprevisível: “Se estamos a viver uma nova alvorada, temos de recordar-nos que o crepúsculo não está tão longe.” A globalização reflecte a transformação do mundo, mas é ainda “um estado de transição que altera as nossas formas de conhecer esse mundo em que vivemos”, esclareceu Bhabha. Perante esta dinâmica de possibilidades, é preciso questionar as decisões do presente, compreendendo, por exemplo, “de que forma pode

a liberdade de escolha individual ser influenciada pelos ‘direitos’ do grupo e pelas sensibilidades colectivas no seio de minorias ou populações desfavorecidas”. Quanto a aspirações futuras, há que repensar os paradigmas, sem “perder a grande capacidade humana de ter esperanças quando não há mais esperança, quando os ventos de mudança sopram violentamente contra a porta da história e contra a nossa habitação humana”. “Abrir caminhos para o futuro”, é o propósito do fórum O Estado do Mundo, explicou o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Emílio Rui Vilar. Num percurso de mais de um ano, “a Fundação será um espaço aberto, activo e interrogativo, ágora da cidadania cultural e lugar geométrico de muitos lugares do mundo”. O livro *O Estado do Mundo* (editado pela Temas e Debates e disponível na livraria da sede), com contribuições de vários intelectuais, filósofos, historiadores, um artista plástico e um poeta, pretende ser uma ajuda a essa reflexão. A programação do fórum inclui vários eventos com pensadores, artistas e curadores internacionais, em espectáculos, exposições, um ciclo de cinema e conferências internacionais. “A inovação e a criatividade serão desafiadas a propor teorias e ideias. Não poderemos ficar indiferentes, porque o cepticismo pode ser prudente, mas não é produtivo”, concluiu o presidente da Fundação. ■

15 de Novembro de 2006 a 15 de Janeiro de 2007
Salas de Exposições Temporárias da Sede

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO DIÁLOGO DE VANGUARDAS

DESTAQUE

Picasso, Brancusi, Modigliani, Malévitch, Sonia e Robert Delaunay, Kokoschka, Albert Gleizes, Alexej Jawlensky, August Macke e Olga Rozanova são alguns dos artistas presentes na exposição *Amadeo de Souza-Cardoso – Diálogo de Vanguardas* que o Centro de Arte Moderna vai inaugurar no mês de Novembro, no âmbito das comemorações do cinquentenário da Fundação. Comissariada por Helena de Freitas, a exposição pretende estabelecer um reencontro entre a obra de Amadeo e a obra de artistas estrangeiros seus contemporâneos, dentro e fora do seu círculo de amizades, em trabalhos reveladores dos sinais e das cumplicidades experimentais do tempo. Serão apresentadas cerca de 260 obras nos espaços expositivos da Sede da Fundação, abrangendo todo o período de actividade de Amadeo, entre 1908 e 1918. Algumas coincidências históricas reforçam a oportunidade desta iniciativa: os 100 anos exactos decorridos sobre a partida de Amadeo de Souza-Cardoso para Paris e os 50 anos sobre a redescoberta e a apresentação historiográfica de Amadeo de Souza-Cardoso em Portugal, por José-Augusto França. A data da inauguração da exposição coincide precisamente com o dia do nascimento de Amadeo, a 14 de Novembro.

Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), como muitos outros artistas da sua geração, instalou-se, em 1906, em Paris, cidade que neste período reunia a grande maioria dos artistas e movimentos de ruptura que alteraram em definitivo os cânones de representação da arte ocidental. Ali viveu até 1914 e, durante esses anos, pôde desenvolver laços de convívio e de amizade com muitos dos artistas que protagonizaram aquelas mudanças, tendo estabelecido com alguns deles relações sólidas e profundas,

como Amedeo Modigliani, Otto Freundlich, Sonia Delaunay-Terk, Robert Delaunay e Constantin Brancusi. Desenvolveu igualmente, nesse breve tempo, um percurso expositivo de grande notoriedade. Para além da participação em vários salões franceses, como o Salon des indépendants (1911, 1912) e o 10º Salon d'Automne (1912), destaca-se no seu currículo internacional a presença, em 1913, no 1º Salão de Outono de Berlim, Erster Deutscher Herbstsalon, na galeria Der Sturm, dirigida por Herwarth Walden e, em 1914, a realização de uma exposição individual na Hamburger Kunstgewerbeschule, em Hamburgo, a convite pessoal de Wilhem Niemeyer. É de salientar a importância destes acontecimentos, já que ambos estão ligados a dois personagens fulcrais na divulgação da arte pós-impressionista na Alemanha e na criação do chamado “eixo artístico Berlim-Paris”. Em 1914, Amadeo de Souza-Cardoso expõe também em Londres, no London Salon of Allied Artists Association. A sua relação com os movimentos da vanguarda russa e com alguns dos artistas que a protagonizaram está também documentada.

Dentro da configuração dos dois espaços disponíveis, as Salas de Exposições Temporárias da Sede da Fundação (pisos 0 e 01), optou-se por uma metodologia adaptada às características evolutivas da obra de Amadeo. A amplitude da sala expositiva principal permitiu explorar a mobilidade e o sentido circular que o seu trabalho convoca. Neste espaço livre e aberto dispõem-se as séries que melhor desencadeiam uma lógica visual de continuidade e que, em simultâneo, proporcione, no seu todo, um traçado tão elástico quanto possível



Amadeo de Souza-Cardoso, *Procissão Corpus Christi*, 1913

de linhas de olhar, múltiplas, cruzadas, diagonais ou simplesmente directas. No piso inferior organizaram-se os núcleos mais autonomizáveis, alguns deles de carácter mais experimental ou de menor expressão sequencial. Importa ter presente que o modelo desta exposição não teria sido possível se não o antecedesse uma trabalho prévio de investigação, que ainda decorre, para a edição do *Catálogo Raisonné de Amadeo de Souza-Cardoso*, que permitiu não só a apresentação de algumas obras inéditas do artista, como o aprofundamento de linhas de pesquisas, ainda não totalmente esclarecidas, da relação de Amadeo com o meio artístico internacional. Na sequência de outras exposições (recentes), de grande relevância, nomeadamente *At the Edge: A Portuguese Futurist*, nos Estados Unidos, ou *Mondrian. Amadeo*, Porto, Museu de Serralves, e da qualidade científica de muitos dos textos apresentados, a presente mostra pretende relançar o debate e problematizar algumas pistas interpretativas, neste momento e em certas áreas, mais fundamentadas com novos dados da investigação. E, evidentemente, repensar a obra de Amadeo de Souza-Cardoso no contexto das suas “famílias” artísticas mais próximas. Para além de uma selecção de 190 pinturas e desenhos do artista português, apresentam-se os trabalhos (pintura, escultura, desenho) de 36 artistas internacionais. Este acontecimento cultural só é possível graças à colaboração de vários museus de todo o mundo (para além de vários coleccionadores particulares) que disponibilizaram o empréstimo de prestigiadas obras dos seus acervos.

A exposição é comissariada por Helena de Freitas, com a colaboração de Catarina Alfaro (comissária-adjunta). A investigação foi realizada pelas comissárias e contou com a colaboração de Leonor Oliveira (biografias de artistas internacionais e bibliografia geral do catálogo da exposição).

Amadeo de Souza-Cardoso – Diálogo de Vanguardas tem o alto patrocínio do Presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, e o apoio do Banco BPI. ■



Amadeo de Souza-Cardoso, *Interior Expressão das Cousas*, n. datado (c. 1915-16)

AMADEO

A PEÇA A MAIS NO PUZZLE DOS CONSAGRADOS

Helena de Freitas, comissária da exposição, salienta a importância da investigação realizada para o catálogo *raisonné*, que veio confirmar documentalmente o percurso expositivo internacional realizado por Amadeo. “Falava-se de um modo vago de que ele tinha exposto em várias cidades da Europa, mas neste momento temos uma base documental mais sólida sobre a sua plena integração no contexto artístico internacional.” Salientando o modo muito pessoal e voluntarista como Amadeo reinterpreta os grandes movimentos como o futurismo e o cubismo, a comissária sublinha que esta exposição vem reposicionar Amadeo no eixo artístico Paris-Berlim-Moscovo. “Está hoje comprovada a sua relação com artistas alemães e russos, alguns deles seus amigos. São, aliás, vários os pontos de encontro entre Amadeo e os artistas russos, tanto pelo estatuto geográfico periférico dos dois países, como pelos valores locais comuns, pela própria iconografia de recuperação de valores populares e folclóricos.” A exposição situa, assim, Amadeo no centro da dinâmica artística internacional, plenamente inserido num contexto de vanguarda, propondo o reencontro com artistas com quem se relacionou e com quem teve relações de amizade, como foi o caso de Modigliani, de Brancusi, do casal Delaunay ou de artistas russos como Archipenko. Também propõe um diálogo plástico com outros artistas da época que se concentravam em Paris, num período em que as fronteiras artísticas eram muito permeáveis. “Amadeo foi um protagonista desse primeiro momento de ‘globalização artística’ e a exposição pretende sinalizar esse facto”, resume a comissária. Infelizmente, não foi possível trazer nenhuma pintura de Malévitch, apenas desenhos, porque coincidiu com uma grande exposição itinerante dedicada ao artista russo, o que inviabilizou o empréstimo das obras pretendidas. No entanto, algumas delas vão ser reproduzidas no catálogo. “Mais do que um diálogo entre artistas, tentámos antes um diálogo ‘obra a obra’, apesar de nem sempre ter sido possível.” Todavia, Helena de Freitas considera ser muito difícil “mexer no *puzzle* construído e consagrado da história de arte internacional e tentar recolocar Amadeo nesse *puzzle*”: “É uma peça que não encontra lugar, porque é português, porque morre cedo, porque até aos anos 50 ninguém fala dele. E, quando reaparece, há resistências, como se não houvesse espaço para o colocar.” ■



MISSING PAINTING REENCONTRADO

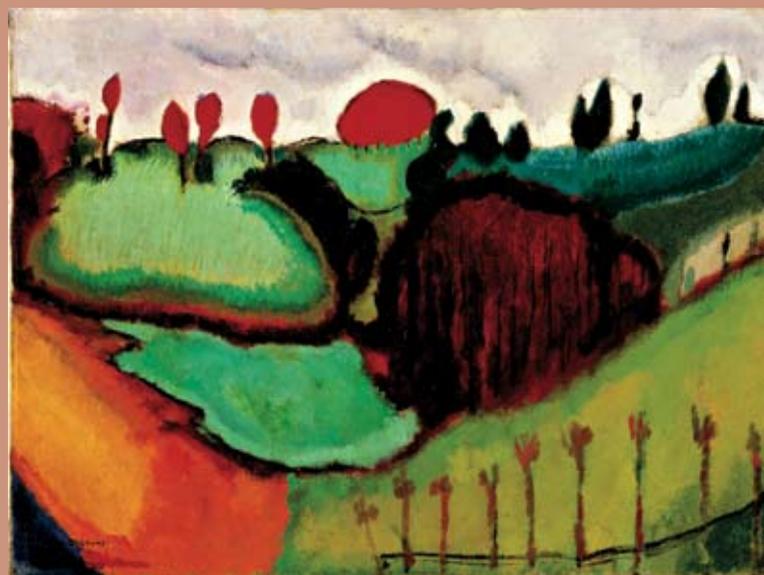
Avant la Corrida (*Before the Bullfight*), um óleo de Amadeo de 1912, exposto e vendido no Armory Show, nos Estados Unidos, em 1913, por localizar desde essa data, foi agora encontrado. Os esforços desenvolvidos na fase preparatória da exposição acabaram por ser bem sucedidos através de anúncios no *site* do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, um meio privilegiado para uma busca capaz de atravessar fronteiras e que permitiu reencontrar a obra, na posse de um colecionador privado americano. Algum tempo depois de se ter colocado no *site* uma foto dessa e de outras obras desaparecidas, chegou um *mail* dos Estados Unidos, intitulado “The missing painting”, enviado pelo seu proprietário com a feliz notícia. “A história, aliás, é muito curiosa”, conta a comissária. “O proprietário desconhecia o autor da pintura, mas a sua qualidade despertou a atenção de uma historiadora sua amiga, que através da assinatura, chegou ao *site*, onde se deparou com a fotografia da obra desaparecida.” Para Helena de Freitas, “trata-se um uma obra magnífica, na linha do cubismo elegante e caligráfico do artista, que teve muito êxito na Armory Show, quando esteve exposta”. Aliás, Amadeo vendeu sete dos oito trabalhos que apresentou nessa mostra, três dos quais se encontram actualmente no Art Institute de Chicago. *Avant la Corrida* foi entretanto adquirida pela Fundação Gulbenkian e submetida a um cuidadoso restauro, sendo agora apresentada nesta exposição, 93 anos após a sua última exibição pública. Serão também reveladas obras inéditas e outras não expostas desde os anos 50. Uma delas exhibe ainda uma moldura original de Amadeo. Como explica Helena de Freitas, “numa das últimas fases do seu trabalho, o artista tratava a moldura como superfície pictórica, mas a maior parte dessas molduras acabaram por ser destruídas nas várias exposições retrospectivas realizadas ao longo dos anos” ■



Amadeo de Souza-Cardoso, *Return from the chase*, 1911
Muskegon Museum of Art, Michigan, Gift of Manierre Dawson, 1969.6

CATÁLOGO RAISONNÉ 1º VOLUME LANÇADO NO FINAL DA EXPOSIÇÃO

Em 2001, foi criada uma equipa para desenvolver um projecto de edição de um catálogo *raisonné* de Amadeo de Souza-Cardoso. O 1º volume, constituído por uma fotobiografia, será lançado no final da exposição, contendo documentação e fotografias inéditas, reflectindo as perspectivas abertas pelo trabalho de pesquisa. Ao longo de 2007, serão lançados os outros dois volumes do *Catálogo*, um dedicado à pintura e o outro ao desenho. O catálogo da exposição, disponível a partir da sua abertura, reúne textos de Helena de Freitas (comissária) e de António Cardoso (director do Museu de Amadeo Souza-Cardoso). Destacam-se as contribuições de Joachim Heusinger von Waldegg, historiador de arte alemão, responsável pelo catálogo *raisonné* de Otto Freundlich, artista alemão de quem Amadeo foi grande amigo, e que explora no seu texto a relação de Amadeo com o expressionismo alemão, tal como o ensaio de Jean-Claude Marcadé, especialista das vanguardas russas. Estes textos constituem um passo importante para a consagração internacional do artista português, contribuindo para que seja repensado o seu legítimo lugar na história da arte internacional. Helena de Freitas descreve a primeira abordagem a Jean-Claude Marcadé: “Reunimos uma selecção de imagens de obras de Amadeo, que enviámos por *e-mail*, juntamente com um pequeno texto enunciador de algumas das possíveis articulações com as vanguardas e os futurismos russos. Marcadé respondeu de imediato e correspondeu ao nosso convite. Veio a Portugal para descobrir a obra de Amadeo.” Para além do catálogo da exposição, no dia da inauguração será ainda lançada uma edição fac-similada de um manuscrito ilustrado por Amadeo de *La Légende de St. Julien l’Hospitalier*, de Flaubert, um dos trabalhos mais importantes do artista e da colecção do CAMJAP. ■



Marcel Duchamp, *Landscape*, 1911
The Museum of Modern Art, New York, Katherine S. Dreier Bequest, 1953

ARTISTAS REPRESENTADOS

Albert Gleizes	Liubov Popova
Alexander Archipenko	Lyonel Feininger
Alexandra Exter	Manuel Ortíz de Zárate
Alexej Jawlensky	Marcel Duchamp
Almada Negreiros	Marianne Werefkin
Amedeo Modigliani	Nadja Oudaltsova
André Derain	Natalia Gontcharova
August Macke	Olga Rozanova
Constantin Brancusi	Oskar Kokoschka
Eduardo Viana	Ossip Zadkine
Fernand Léger	Otto Freundlich
Franz Marc	Pablo Picasso
Gabriele Münter	Robert Delaunay
Gino Severini	Sonia Delaunay
Hermen Anglada Camarasa	Takanobu
Ivan Klioune	Tsunenobu Kakemono
Ivan Puni	Umberto Boccioni
Jean Metzinger	Vera Pestel
Juan Gris	Vladimir Tatlin
Kasimir Malévitch	William Wauer

PROGRAMA EDUCATIVO EM TORNO DE AMADEO



Amadeo de Souza-Cardoso, *Canção Popular*, n. datado (c. 1916)

VISITAS GERAIS À EXPOSIÇÃO

19 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

por Hilda Frias

14 JANEIRO, DOMINGO, 12H00

por Helena de Freitas (comissária)
e Catarina Alfaro (comissária-adjunta)

ENTRADA LIVRE

VISITAS TEMÁTICAS

19 NOVEMBRO, DOMINGO, 15H00

A cor no tempo de Amadeo 1: a Cor e o Tema por Ana Gonçalves

26 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

A desfragmentação da imagem, a desmultiplicação do plano
por Lígia Afonso

10 DEZEMBRO, DOMINGO, 12H00

Zona de confluência entre o nacional e o universal:

o caso Amadeo por Hilda Frias

17 DEZEMBRO, DOMINGO, 12H00

O sentido do “primitivo” e a modernidade na obra de Amadeo
de Souza-Cardoso por Catarina Alfaro (comissária-adjunta)

17 DEZEMBRO, DOMINGO, 15H00

A cor no tempo de Amadeo 2: Luz e Cor por Ana Gonçalves

7 JANEIRO, DOMINGO, 15H00

Amadeo, a Alemanha e o expressionismo alemão

por Alda Galsterer

14 JANEIRO, DOMINGO, 12H00

A cor no tempo de Amadeo 3: Cor e forma por Ana Gonçalves

ENTRADA LIVRE

ENCONTROS IMEDIATOS COM O MODERNISMO

VISITAS À HORA DO ALMOÇO [30']

17 NOVEMBRO, SEXTA, 13H15

A representação da paisagem por Hilda Frias

24 NOVEMBRO, SEXTA, 13H15

Amadeo e as suas origens por Sílvia Almeida

30 NOVEMBRO, QUINTA, 13H15

Espaços de quotidiano por Lígia Afonso

7 DEZEMBRO, QUINTA, 13H15

Cafés e espaços culturais por Carlos Carrilho

15 DEZEMBRO, SEXTA, 13H15

A máscara e o rosto por Lígia Afonso

22 DEZEMBRO, SEXTA, 13H15

Amadeo e o orfismo por Sílvia Almeida

5 JANEIRO, SEXTA, 13H15

Amadeo e a Alemanha por Alda Galsterer

12 JANEIRO, SEXTA, 13H15

Palavras e letra de imprensa por Hilda Frias

ENTRADA LIVRE

CONCERTOS (IM)PREVISTOS

DOIS PROGRAMAS PARA AMADEO: RUPTURA E MODERNISMO (30')

Programa Descobrir a Música em cruzamento com o CAMJAP

14 NOVEMBRO, TERÇA, 23H00

Inauguração exposição

15 A 17 NOVEMBRO, QUARTA A SEXTA, 13H30

18 NOVEMBRO, DOMINGO, 15H00

9 A 12 JANEIRO, TERÇA A SEXTA, 13H30

13 JANEIRO, DOMINGO, 15H00

ENTRADA LIVRE

JOVENS PERCURSOS PELA ARTE

ELEMENTAR MEU CARO AMADEO!

2 DEZEMBRO, 6 JANEIRO, SÁBADO, 15H30

Visitas para crianças dos 8 aos 13 anos

Requer marcação prévia

OFICINAS PARA CRIANÇAS E FAMÍLIAS

VAMOS ÀS CORES?

por Ana Gonçalves e Lígia Afonso

18 NOVEMBRO, 9 DEZEMBRO, 13 JANEIRO, SÁBADO, 15H30

Crianças dos 6 aos 10 anos

19 NOVEMBRO, 10 DEZEMBRO, 14 JANEIRO, DOMINGO, 10H30

Crianças dos 4 aos 6 anos + 1 adulto

Requer marcação prévia

ARTE E NATUREZA

PAISAGENS E OUTRAS ARAGENS

por Frederico Lyra, Sara Sousa e Patrícia Tiago

25 NOVEMBRO, 16 DEZEMBRO, SÁBADO, 15H30

Crianças dos 6 aos 10 anos

26 NOVEMBRO, 11 DEZEMBRO, DOMINGO, 10H30

Crianças dos 4 aos 6 anos + 1 adulto

Requer marcação prévia

GRAFITTIS NO MUSEU?!

OFICINA DE FÉRIAS [5 SESSÕES]

por Lígia Afonso e Carlos Carrilho

18 A 22 DEZEMBRO, SEGUNDA A SEXTA

10H00 ÀS 13H00 | dos 7 aos 11 anos

Crianças dos 4 aos 6 anos [14h30 às 17h30]

Requer marcação prévia

A MAGIA DO CINEMA DE REGRESSO AO GRANDE ÉCRÃ

O VALE ERA VERDE, DE JOHN FORD, ABRIU O CICLO COMO O CINEMA ERA BELO – 50 FILMES INESQUECÍVEIS, QUE DECORRERÁ ATÉ FEVEREIRO DO PRÓXIMO ANO, AOS FINS-DE-SEMANA, NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN. OS FILMES DE JOHN FORD, ORSON WELLES, KAZAN, GODARD, RENOIR, VISCONTI, DAVID LYNCH, TERENCE MALICK, TIM BURTON E TANTOS OUTROS VÃO PODER SER VISTOS EM GRANDE FORMATO, NO GRANDE AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO. O CICLO ASSINALA A CONTRIBUIÇÃO DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN, NAS DÉCADAS DE 70, 80 E INÍCIO DOS ANOS 90, NA DIVULGAÇÃO E APOIO AO CINEMA. OS 50 FILMES INESQUECÍVEIS FORAM ESCOLHIDOS POR JOÃO BÉNARD DA COSTA, PRESIDENTE DA CINEMATECA PORTUGUESA, ENTIDADE QUE COLABOROU COM A FUNDAÇÃO GULBENKIAN PARA TORNAR POSSÍVEL O REGRESSO DO CINEMA AO GRANDE AUDITÓRIO. NUMA ENTREVISTA BREVE, O COMISSÁRIO DO CICLO EXPLICA AS RAZÕES E AS OPÇÕES PELA DIVERSIDADE DAS CINEMATOGRAFIAS PRESENTES.

NEWSLETTER – ESTE CICLO É, DE CERTA FORMA, UM REGRESSO À GULBENKIAN ONDE COLABOROU E ORGANIZOU VÁRIAS MOSTRAS DE CINEMA. COMO SURTIU A IDEIA?
João Bénard da Costa – Partiu de um desafio lançado pelo dr. Rui Vilar, a propósito das comemorações do cinquentenário, e foi com grande alegria, com o maior gosto e entusiasmo que aceitei o repto. É tempo de comemorar, mas também de recordar, ou melhor, de ir recapitulando o que representaram os ciclos realizados pela Fundação entre 1973 e 1992.

N. – FORAM CICLOS POR ONDE PASSARAM DESDE O CINEMA EUROPEU AO NORTE-AMERICANO E ATÉ DE REALIZADORES DESCONHECIDOS NA ÉPOCA...

J.B.C. – Começámos com o ciclo Rossellini, um ciclo célebre, com a presença do realizador, numa sessão histórica de apresentação do *Roma Cidade Aberta*. Depois, seguimos com os grandes ciclos do cinema americano dos anos 30, 40, 50 e ainda inúmeros ciclos de cinema europeu – francês, italiano, alemão, polaco, húngaro, sueco. Também se mostrou algum cinema japonês: por exemplo, em 1980, a Fundação Gulbenkian revelou um grande realizador japonês, Ozu, que era completamente desconhecido no nosso país. Em colaboração com



a Cinemateca, organizou, entre outros, o ciclo integral de Hitchcock, os filmes de John Ford, de Fritz Lang, os grandes ciclos de ficção de género – a ficção científica e o musical. Este último foi o maior de todos, 180 filmes e a produção de um catálogo com quatro volumes.

N. – OLHANDO PARA A PROGRAMAÇÃO, CONSTATAMOS QUE INCLUI DESDE FILMES EUROPEUS AOS JAPONESES OU IRANIANOS, ALGUNS MUITO MARCANTES NA SUA ÉPOCA. PORQUÊ ESTES E NÃO OUTROS?

J.B.C. – O que me foi pedido e o que foi combinado com o presidente da Fundação foi a realização de um ciclo com grandes filmes, os 50 melhores, tantos quantos os anos da fundação. Evidentemente, reconheço que escolher os 50 melhores filmes é uma tarefa impossível. Cada pessoa terá os seus filmes preferidos e nunca há uma coincidência – o que é que é o melhor? É impossível definir os melhores nas várias áreas – na pintura, na música, na literatura –, por se tratar de escolhas muito subjectivas. Agora, optei por estes; contudo, daqui a um mês ou dois, poderia escolher outros. É sempre muito difícil. Nesta escolha não há nenhum filme que não seja um filme da minha vida, que não seja um filme de que gosto muito e que não seja uma grande obra. E penso mesmo, objectivamente, que todos estes filmes são obras-primas. Claro que, no caso do cinema mais recente, é sempre mais discutível, porque o tempo valoriza, às vezes, alguns filmes em que não se repara tanto e diminui outros que nos parecerão mais importantes. É natural que alguns destes filmes mais recentes daqui a uns anos não tenham esse lugar; mesmo assim, optei por incluí-los e procurei dar-lhes um lugar significativo no ciclo, tentando que aparecessem alguns dos filmes de que eu mais gosto dos últimos 10 anos.

N. – O CICLO COMEÇA COM JOHN FORD E TERMINA COM TERENCE MALICK. SÃO DUAS ÉPOCAS COMPLETAMENTE DIFERENTES NO CINEMA...

J.B.C. – A ideia foi começar e acabar com dois realizadores que têm vários pontos de contacto naquilo que se pode chamar “o cinema à americana”, ou seja, a grande reflexão sobre a América – o imaginário, o cinema e a história da América. É claro que *O Vale Era Verde* não se passa na América, passa-se no País de Gales, mas é a visão de um irlandês, John Ford, emigrado para os EUA e que recorda o seu país, um dos muitos sítios de onde houve uma emigração enorme para a América, de onde vieram muitos dos que fundaram os estados americanos. Esta busca da matriz é emblemática, porque, ao falar de *O Vale Era Verde*, Ford está a falar de um passado e de uma história que é representativa de toda a história da cultura dos EUA. *O Novo Mundo* é um filme que vai novamente às raízes da América, porque conta a lenda da Pocahontas, com a fusão de duas civilizações, os índios e os brancos que

lá chegam (os ingleses, neste caso), e mostra o encontro destas duas culturas e civilizações. Em ambos os filmes há o olhar de dois homens: um que veio do chamado “Velho Mundo” e se faz um grande cineasta do Novo Mundo e depois exalta a América; no outro, o de um cineasta americano que reflecte sobre as suas raízes e sobre as raízes da civilização americana.

N. – HÁ UMA PREOCUPAÇÃO TEMÁTICA EM CADA FIM-DE-SEMANA, APESAR DE OS FILMES SEREM DE ANOS DIFERENTES?

J.B.C. – Cada fim-de-semana corresponde a uma intenção ou a um tema, se quisermos. O facto de ser só aos fins-de-semana resultou da extrema ocupação do Grande Auditório e, portanto, tivemos de nos cingir às suas disponibilidades.

N. – ESTA É UMA OPORTUNIDADE ÚNICA PARA MUITOS JOVENS QUE NUNCA VIRAM FILMES EM GRANDE ECRÃ.

J.B.C. – Esse é um dos pontos fundamentais, ou seja, já não existe praticamente a possibilidade de ver o grande cinema em grandes salas. Houve um tempo em que as salas em todo o país eram grandes salas de cinema, com capacidade para mil ou mais de mil espectadores; a maior era a do cinema Império que podia levar cerca de três mil pessoas. Isso tudo desapareceu, hoje estamos nas salas pequeninas, dos supermercados, etc... Mas a Gulbenkian continua a ter uma sala de 1200 lugares e essa possibilidade de ver uma sala com esta dimensão, o grande ecrã e a grande projecção é uma coisa que para muita gente nova será uma primeira experiência na vida. Ir ver cinema assim é qualquer coisa completamente diferente, nada tem a ver com uma reprodução em dvd, por melhores que eles sejam, e mesmo com bons ecrãs que se possam ter em casa. É sempre uma visão completamente diferente, porque temos muita gente ao lado, uma grande sala completamente às escuras, sem interrupção, entrando completamente nesse mundo. Para mim, é uma experiência completamente onírica, como quando se apaga a luz e adormecemos e começamos a sonhar; como quando temos um pesadelo ou falamos e acordamos e alguém nos diz “foi só um sonho”. No cinema é o mesmo, a velha frase do cinema americano “it’s only a movie”, que serve para nos consolar e lembrar que não vale a pena chorar tanto ou estar tão triste porque se trata de um filme. Mas, de repente, isso não adianta nada porque eu entrei completamente no filme e aquilo foi a história com que me identifiquei, em que me projectei, em que eu participo completamente, o que só é possível quando estou imerso nesse movimento, na grande sala e no grande espaço.

N. – PORQUE NÃO FOI INCLUÍDO O CINEMA PORTUGUÊS?

J.B.C. – Isso acontece porque, para o ano, haverá um ciclo de cinema só de filmes portugueses, uma manifestação especial só dedicada ao cinema português. ■

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DEBATE **EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

A conferência anual sobre Educação promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian realiza-se nos dias 27 e 28 de Novembro, reunindo um conjunto de especialistas nacionais e internacionais para reflectir sobre as relações entre Educação, Inovação e Desenvolvimento. Os resultados da pesquisa económica mais recente parecem comprovar que há uma correlação entre os níveis de educação, os aumentos de produtividade e as perspectivas de crescimento sustentável. As comparações internacionais disponíveis põem em destaque o factor educação como um dos factores explicativos fundamentais das diferenças de riqueza entre nações. A comissária da iniciativa, Maria João Rodrigues, sublinha a importância de proceder ao balanço de experiências recentes em várias frentes, que passam por “difundir novas competências-chave no ensino básico; promover a formação para o empreendedorismo e a inovação em todos os níveis de ensino; desenvolver as fileiras científicas e tecnológicas; reforçar a educação universitária capaz de atingir níveis de excelência internacional; desenvolver formações adequadas para fazer face a um défice crítico, o da capacidade de gestão”. A experiência internacional revela que, “por detrás das novas ambições para a política educativa e formativa, têm de estar mudanças na governação das sociedades e na forma de elas se organizarem e mobilizarem para a causa da educação e da formação. São exemplos a criação de instâncias nacionais de concertação para a educação e a inovação, a organização de redes de educação e formação de apoio a cada sector da actividade económica ou o desenvolvimento de estratégias regionais para a educação e o desenvolvimento”. Em ano de comemorações dos 50 anos, a Fundação propõe um debate sobre estas experiências inspiradoras capazes de fazer da educação em Portugal uma alavanca para o desenvolvimento. ■

Entrada livre mediante inscrição prévia
(tcorreia@gulbenkian.pt; tel. 21 782 33 87)

27 DE NOVEMBRO

09H30 ABERTURA

Ministra da Educação
Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

10H15-11H00

QUE RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Presidente: Eduardo Marçal Grilo
Angel de La Fuente
Edward Lorenz

11H00 INTERVALO

11H15-13H30 MESA-REDONDA

Margarida Chagas Lopes
Júlio Pedrosa
João Picoito
Moderadora: Maria João Rodrigues

13H30 PAUSA PARA ALMOÇO

15H00-17H45 EDUCAR PARA INOVAR

Presidente: José Carlos Diogo Marques dos Santos
Caroline Jenner
Johan van Rens
Maria Helena Nazaré
José Pedro Dionísio

18H00 CONFERÊNCIA

Presidente: José A. Vieira da Silva
Maria João Rodrigues

28 DE NOVEMBRO

9H30-13H00

EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM INTERACÇÃO

Presidente: Manuel Carmelo Rosa
Lynn Chisholm
Markku Linna
Koen Bois d'Enghien
Ana Cláudia Valente

13H00 PAUSA PARA ALMOÇO

14H30-17H00 MESA-REDONDA

Margarida Chagas Lopes
Júlio Pedrosa
João Picoito
Moderadora: Maria João Rodrigues

17H00 SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Ministra da Educação
Eduardo Marçal Grilo
Maria João Rodrigues
Luísa Oliveira

PROJECTO GULBENKIAN DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA ESCOLA PORTUGUESA

Diversidade Linguística na Escola Portuguesa é um projecto de investigação desenvolvido pela Fundação Calouste Gulbenkian, pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) e pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) do Ministério da Educação, com o objectivo de contribuir para a integração escolar de alunos que não têm o Português como língua materna. Conhecer e valorizar a diversidade linguística, criando, simultaneamente, materiais didácticos e linhas de orientação dirigidas aos professores, para melhorar o domínio do Português pelos alunos, é o propósito deste projecto.

Em 2005, foi lançado um CD-ROM com os primeiros resultados do trabalho de investigação. Esse CD-ROM incluía, entre outros documentos, uma caracterização da diversidade linguística presente nos 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico da Área Metropolitana de Lisboa e diversas informações de natureza linguística e sociolinguística das línguas sob estudo no Projecto – o Crioulo de Cabo Verde, o Guzerate, o Mandarim e o Ucrainiano.

No dia 7 de Novembro, a equipa do Projecto lança, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, um segundo CD-ROM, com resultados da análise dos dados recolhidos, estratégias de ensino e diversas propostas de exercícios para o ensino do Português língua não materna. Será ainda apresentado um conjunto de textos de formação para os professores. ■

COLÓQUIO SOBRE POLÍTICAS DE LÍNGUA E DIVERSIDADE

7 DE NOVEMBRO

Fundação Calouste Gulbenkian Auditório 2

10H00 Sessão de Abertura

Ministra da Educação

Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

Eduardo Marçal Grilo

Intervenção da Equipa Coordenadora do

Projecto Gulbenkian Diversidade Linguística na Escola

Portuguesa

Maria Helena Mira Mateus

Dulce Pereira

Glória Fisher

10H45 INTERVALO

11H00 MESA-REDONDA

A LÍNGUA PORTUGUESA E A DIVERSIDADE:

CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO

Rui Marques, *Alto Comissário para as Minorias Étnicas*

Luísa Solla, *Professora da Escola Superior de Educação de Setúbal*

Ana Maria Bettencourt, *Professora da Escola Superior*

de Educação de Setúbal

Miguel Portas, *Deputado do Parlamento Europeu*

Moderadora: Maria Helena Mira Mateus

12H30 INTERVALO PARA ALMOÇO

14H30 SECOND LANGUAGE LEARNING AND TEACHING

IN A CONTEXT OF LINGUISTIC DIVERSITY

Presidente: Manuel Carmelo Rosa

Georges Lüdi

15H30 INTERVALO

15H45 APRESENTAÇÃO DO CD2

COM Sessão de Encerramento

Equipa do Projecto Gulbenkian Diversidade Linguística

Eduardo Marçal Grilo

CONTADO ÀS CRIANÇAS



ENCONTRO DE LITERATURA PARA CRIANÇAS **CONTADO ÀS CRIANÇAS**

O conceito geral do encontro (“Contado às Crianças”) diz respeito a três realidades diferentes, mas afins: a adaptação de textos literários “para adultos” a um público infantil ou adolescente; o trabalho para crianças de autores conhecidos por outros trabalhos que não esses; a possibilidade de leituras a vários níveis de um mesmo texto, que é assim tanto “para adultos” como “para crianças”. A conferência de abertura, na manhã do primeiro dia do Encontro, será feita pela escritora Agustina Bessa-Luís. O segundo dia começa com homenagens a três escritores que escreveram para crianças e que faleceram recentemente ou de quem se celebrou uma efeméride. É o caso de Sophia de Mello Breyner (sobre quem falará o professor universitário, crítico e poeta Fernando Pinto do Amaral), Ilse Losa (sobre quem falará a professora universitária e poeta Ana Luísa Amaral) e Erico Veríssimo (sobre quem falará o seu filho, o cronista Luís Fernando Veríssimo). Além da homenagem, tentaremos perceber em que medida o universo literário destes escritores é iluminado pelos seus textos para crianças. A mesa é presidida pela crítica literária Helena Vasconcelos.

A segunda mesa do dia versa o tema da adaptação de textos clássicos, procedimento que tem cartas de nobreza em Charles Lamb e de que tivemos um conhecido exemplo português com João de Barros. Assim, o professor universitário e escritor Frederico Lourenço, que traduziu *A Ilíada* e *a Odisseia*, falará sobre a sua versão de Homero para jovens e a escritora Hélia Correia sobre a sua versão de Shakespeare para crianças. O escritor Gonçalo M. Tavares, galardoado com o Prémio Branquinho da Fonseca,

explicará o diálogo que mantém com os clássicos (na série *O Bairro* ou no volume *Biblioteca*) e a possibilidade de uma leitura mais simples de textos complexos. A mesa é presidida pelo professor universitário António M. Feijó.

Uma das formas de transmissão mais alargada da literatura (nomeadamente para crianças e jovens) é a transposição dos textos para outras artes. Na manhã do terceiro dia do Encontro, o jornalista do *Diário de Notícias* João Miguel Tavares falará sobre BD (nomeadamente sobre as várias adaptações de textos literários) e o professor universitário Fernando Galrito falará sobre cinema de animação. No campo das artes plásticas, existe um universo que explicitamente dialoga com um imaginário infantil, nomeadamente os contos de fadas: é o de Paula Rego, que o professor universitário Fernando António Baptista Pereira explicará. A mesa é presidida pelo escritor e professor universitário Rui Zink.

Na sessão da tarde, daremos especial atenção à música. Sobre Adriana Calcanhoto, que tem desenvolvido uma espécie de heterónimo infantil (*Adriana Partimpim*), falará o jornalista do *Público* Nuno Pacheco. Um dos mais conhecidos autores portugueses das canções infantis, o professor universitário José Barata Moura, reflectirá sobre essa sua faceta, enquanto o jornalista do *Diário de Notícias* João Lopes falará sobre as experiências na literatura infantil de ícones pop como Madonna e Paul McCartney. A mesa é presidida pelo editor discográfico David Ferreira. ■

Pedro Mexia, *Comissário*

Festa dos Livros Gulbenkian



24 Novembro > 22 Dezembro

Livros e objectos de qualidade para o Natal

Domingo a 5.ª feira 12-22h
6.ª feira, Sábado e Feriados 12-24h

Depois de uma primeira edição, no ano passado, com grande afluência, o piso 2 da Fundação Calouste Gulbenkian recebe nova edição da feira do livro, de 24 de Novembro a 22 de Dezembro. São dezenas de milhares de páginas a pesquisar e quase 500 as obras que podem ser compradas a preços reduzidos, em vésperas natalícias. A feira abrirá de domingo a quinta-feira, entre as 12h e as 22h, e à sexta-feira, sábado e feriados, das 12h até à meia-noite. Vão estar à venda livros, catálogos, roteiros de exposições, manuais universitários e clássicos da literatura e da filosofia, de mais de quatro décadas de publicações da Fundação. À semelhança do ano anterior, podem também ser adquiridos objectos de divulgação das colecções:

entre eles, as linhas Institucional, Museu, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e a recém-lançada linha Jardim (inclui produtos inspirados nos aromas e cores do jardim Gulbenkian). O espaço da festa apresentar-se-á renovado e com novas valências: haverá um ponto de encontro para lançamento de livros, música e convívio. Vários títulos novos serão lançados durante a feira, entre eles *Utopia* de Thomas More (dia 12 de Dezembro) e a reedição de dois livros de Rómulo de Carvalho: *O Texto Poético como Documento Social*, que será apresentado por Manuel Villaverde Cabral, e *As Origens de Portugal*, por Isabel Alçada (dia 11 de Dezembro). ■

LIRE EN FÊTE NO CENTRO CULTURAL DE PARIS

Associando-se ao Lire en fête, iniciativa de promoção do livro e da leitura do Ministério da Cultura francês, o Centro Cultural de Paris apresentou, em Outubro passado, o espectáculo *Sur les pas de l'homme: trois variations poésicales*. Juliette Heymann leu poemas de Fernando Pessoa e de Sophia de Mello Breyner, com acompanhamento musical do guitarrista Gabriel Sagliocco. Foi ainda promovido um concurso de ditado com dois textos, um para nível universitário, extraído de *As Farpas*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, e outro, para alunos de liceu, extraído do conto *O Jantar do Bispo*, de Sophia de Mello Breyner. A sessão deste ano teve a colaboração do Instituto Camões e dos Departamentos de Português das Universidades de Paris III, IV, VIII e X. ■

NOVAS EXPOSIÇÕES NA FUNDAÇÃO

A FUNDAÇÃO INSTALAÇÃO DE PEDRO CABRITA REIS

Instalação de grandes dimensões que ocupa o espaço da colecção permanente do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. Construída, *in loco* desde Julho passado, a partir de materiais depositados nos armazéns da Fundação, assinala os 50 anos da instituição, podendo ser visitada até finais de Abril de 2007.



GRAVURA JOSÉ PEDRO CROFT

Mostra de gravuras recentes impressas em Barcelona nas reputadas oficinas de Tristan Barbara, de grande impacto visual, quer pela sua grande dimensão quer pelo extraordinário trabalho sobre a cor. Sendo a escultura a matriz da arte de José Pedro Croft, a sua outra obra de desenho e de gravura é igualmente importante e autónoma. Pode ser visitada na Sala de Exposições Temporárias do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão até dia 7 de Janeiro de 2007.
Entrada livre



MUNDOS DE SONHO GRAVURAS JAPONESAS MODERNAS DA COLECÇÃO ROBERT O. MULLER

Seleção de quase uma centena de gravuras japonesas, obras-primas da célebre colecção Robert O. Muller da Arthur M. Sackler Gallery de Washington. Inclui alguns dos mais notáveis exemplos de trabalhos dos artistas do *shin hanga* ou do movimento “nova gravura”. Patente na Sala de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian até dia 7 de Janeiro de 2007.
Entrada livre





S/titulo, 1981, grafite sobre papel, 71x100cm

EXPOSIÇÃO CONVOCAÇÃO I E II (MODO MENOR E MODO MAIOR) OBRAS DE FERNANDO CALHAU NO ACERVO DO CAMJAP

22 de Novembro a 22 de Abril de 2007

Piso 1 CAMJAP

Para assinalar a doação que Cândida Calhau fez à Fundação Calouste Gulbenkian após a morte de Fernando Calhau (1948-2002), o CAMJAP organiza uma exposição individual com peças do seu acervo. Percorrendo um arco temporal que vai desde meados dos anos 60 até 2002, a obra de Fernando Calhau está entre as mais relevantes da segunda metade do século XX. Dividida em duas partes, a exposição *Convocação I e II (modo menor e modo maior)* reflecte a envergadura e a importância do conjunto de peças doadas e do núcleo de trabalhos que a Fundação já possuía. Esta exposição acontece cinco anos depois da retrospectiva do trabalho de Fernando Calhau, *Work in Progress*, mas apesar de se realizar no mesmo espaço e de integrar trabalhos que foram mostrados nessa altura, em tudo diverge desta. Se a primeira exposição realizava a importante e inadiável tarefa de dar a conhecer um percurso pouco familiar ao grande público, fazendo um trabalho de recollecção de várias obras maiores de Fernando Calhau, esta exposição pretende agora debruçar-se sobre a natureza íntima e profunda da obra do artista, a sua voz interior. Se em *Work in Progress* não se mostrava nem a produção em

desenho, nem a produção em gravura, incontornáveis, estruturantes mesmo, de todo o trabalho de Fernando Calhau, em *Convocação* essas peças ocuparão um lugar central, ecoando a importância desses núcleos no âmbito da doação. Por fim, se em *Work in Progress* era mantida uma certa inviolabilidade disciplinar, traduzida na forma como cada um dos núcleos, famílias ou séries eram mostrados, pelo contrário, em *Convocação* a articulação entre as diversas peças faz-se por critérios de contiguidade, procurando uma afinidade mais longínqua e silenciosa. Nesse sentido, poderemos apreciar trabalhos nos mais diversos suportes – gravura, desenho, pintura, fotografia, filme, escultura – e de diferentes períodos do percurso do artista, que não serão organizados cronologicamente ou por importância hierárquica de suportes. Como o título indica, *Convocação* dividir-se-á em dois momentos, que serão mediados por um conjunto de intervenções de diversos especialistas convidados a proferir leituras sobre a obra do artista, a realizar no próprio espaço de exposição. ■

Nuno Faria, Comissário

TRÊS PERGUNTAS A NUNO FARIA

ESTA EXPOSIÇÃO ACONTECE CINCO ANOS DEPOIS DA RETROSPECTIVA DE FERNANDO CALHAU, *WORK IN PROGRESS*.

O QUE NOS TRAZ DE NOVO?

Esta exposição assinala simbolicamente, em ano de cinquentenário, a doação, sem precedentes no nosso país, que Cândida Calhau, viúva do artista, fez à Fundação Calouste Gulbenkian: um extensíssimo e importantíssimo conjunto de obras de Fernando Calhau. É um conjunto representativo de todas as épocas do percurso e que inclui peças centrais nos mais variados suportes. Vai mostrar um conjunto de peças inéditas ou que não são vistas há muitos anos, propondo, simultaneamente, um novo olhar sobre obras mais recentemente expostas. Isso será, certamente, muito interessante em termos de recepção e de compreensão da obra. Sou da opinião de que há demasiados dogmas associados à programação de espaços expositivos; um deles é o de que não se deve reincidir na exposição do trabalho de um mesmo artista. Penso precisamente o contrário. Pode-se ganhar muito em expor de uma forma programada projectos de um mesmo artista, ou artistas, num espaço relativamente curto de tempo. O acto de dar a ver, de organizar uma montagem, de escolher obras e de as colocar lado a lado não é neutro, tem uma retórica própria. Em termos pedagógicos, de corporização da consciência perceptiva do espectador, acho que essa possibilidade comparativa pode ser uma experiência muito construtiva.

O QUE PODEREMOS VER EM CONVOCAÇÃO?

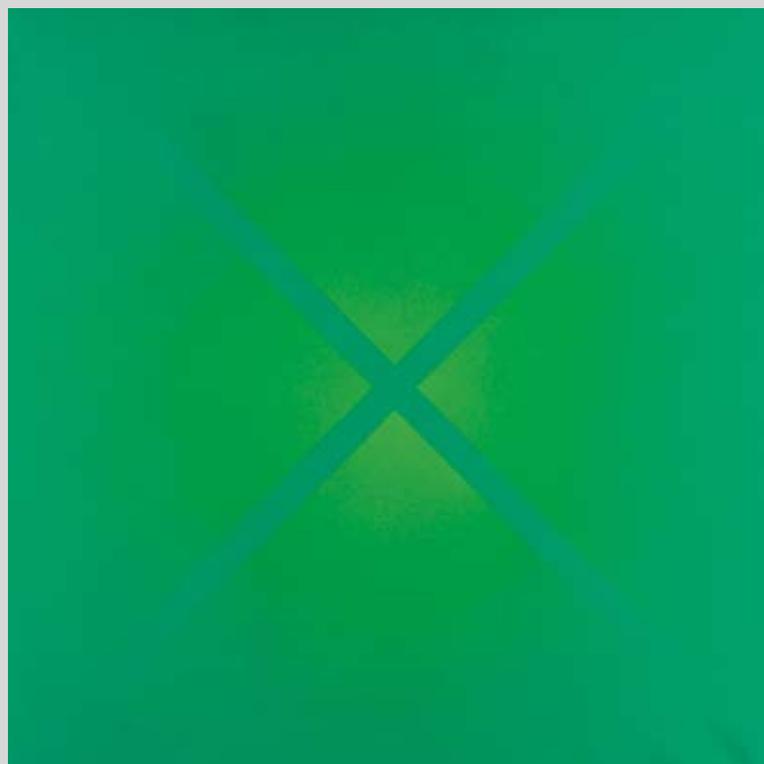
Sem querer contar muito sobre a exposição, que ganhará com o efeito de surpresa, *Convocação* propõe uma abordagem introspectiva do trabalho de Fernando Calhau. Será, mais do que uma exposição, uma experiência perceptiva baseada na troca que sempre se estabelece entre quem vê e aquilo que é dado a ver, a obra de arte. No fundo, partindo de características intrínsecas ao trabalho de Fernando Calhau, este projecto estrutura-se a partir de questões elementares e coloca o espectador no lugar central desta relação. Será uma exposição vincadamente pedagógica. Partindo da ideia de voz interior, aquilo que se propõe é que o espectador se concentre até conseguir escutar a fala que é própria do trabalho de Fernando Calhau.

PORQUÊ DIVIDIR A EXPOSIÇÃO EM DUAS PARTES, CONVOCAÇÃO I E II?

Optou-se por uma exposição que se divide em duas montagens, não somente pela extensão do núcleo de trabalhos que temos ao dispor, mas também por razões de ordem conceptual na construção do espaço da



#42, 1996, acrílico sobre tela, 60x60 cm



S/título, 1972, acrílico s/tela, 145x145 cm

exposição e da articulação das peças entre si. A primeira montagem decorre até 4 de Fevereiro e a segunda a partir de 13 de Fevereiro, sem nunca encerrar ao público. Entre as montagens serão realizadas, no espaço expositivo, conversas-leituras em torno de Fernando Calhau, conduzidas por especialistas da sua obra. Pretende-se que o entendimento e a vivência do espaço da exposição se baseiem em noções como movimento, dinamismo e participação. O público será, aliás, induzido a visitar a exposição mais do que uma vez, quer pelas duas montagens, quer pelas actividades paralelas.



Basilica da Estrela, 2003

No ano do cinquentenário da Fundação, o desafio era conceber uma exposição que, por um lado, aproveitasse a magnífica arquitectura interior do Centre culturel Calouste Gulbenkian em Paris e, por outro, desse conta da diversidade europeia. Lembrei-me logo do trabalho de David Stephenson, fotógrafo americano estabelecido há quase 25 anos na Tasmânia (Austrália). A série de “Cúpulas” que este artista vem realizando desde 1993 ultrapassa já as duas centenas e atravessa quinze países europeus. Começando com o Panteão de Roma, o projecto engloba catedrais e igrejas (de várias confissões), sinagogas e mesquitas e ilustra cerca de dois milénios de história da arquitectura. No entanto, a obra de Stephenson está longe de se circunscrever à simetria das cúpulas europeias. A escala vai da pequena folha seca, carcomida pelos insectos, passa pelas florestas afogadas e pelos desertos do continente australiano e da Antárctida, enfrenta as grandes obras de engenharia e abre-se ao firmamento ilimitado. As ideias sobre o sublime, desenvolvidas por Edmund Burke no século XVIII, tiveram expressão fotográfica no século seguinte, durante a colonização épica do Oeste americano. O território era redescoberto e conquistado através do caminho-de-ferro e do telégrafo, e a posse tornava-se completa com a fotografia. À imponência da paisagem juntava-se a supremacia da técnica, com a obra de engenharia a dialogar sinergicamente com a paisagem natural. As qualidades do sublime enumeradas por Burke – perigo, medo, brusquidão, complexidade, dificuldade, energia, vastidão, sucessão, infinito, etc. –, todas contribuindo para a sensação de assombro, estão presentes na obra de Stephenson. Mesmo a poluição é sublime (um truísmo que não não passou despercebido à arte contemporânea).

David Stephenson (n. 1955) estudou nas Universidades do Colorado e Novo México numa altura em que emergia a estética da “nova topografia”. Foram artistas como Robert Adams e Lewis Baltz que nos deram uma visão documental e crítica, inegavelmente moderna, mas perene. O primeiro

SIMETRIAS SUBLIMES

FOTOGRAFIAS

DE DAVID STEPHENSON NO

CENTRO CULTURAL DE PARIS

emprego de Stephenson foi na Universidade da Tasmânia – a bela ilha remota, aqui alterada, acolá virgem e inóspita. Por lá ficou. A distância é propícia à originalidade, mas também contribui para o facto de o seu trabalho ser praticamente desconhecido na Europa. *Simetrias Sublimes* é a primeira retrospectiva de David Stephenson em França. O título pretende indicar a subtil (mas profunda) unidade desta obra ímpar.

Uma cúpula arquitectónica é, quase sempre, um exercício de simetria rotacional. Abundam os exemplos de simetria ternária (Trindade) e quaternária e dos seus múltiplos (hexagonal e hexadecagonal; octogonal). A cúpula é também uma reflexão sobre a ordem do Universo. Aqui, teologia e cosmologia confundem-se. Basta reparar como, a partir de Johannes Kepler, surgem as cúpulas elípticas, como as órbitas planetárias. Entretanto o ritmo gerado pelas várias simetrias parecia consonante com a música das esferas. Em geral, uma fotografia é vista como um instante congelado no espaço. Stephenson amplia o espaço e incorpora o tempo. O que o interessa é, afinal, o contínuo do espaço-tempo revelado, por exemplo, nas sublimes séries das “Estrelas” ou “Marcar o Tempo”. No díptico da *Ernest Giles Road*, os passos do artista são acompanhados da passagem da sombra projectada da nuvem. Como no *Parsifal*, de Wagner, “aqui o tempo transforma-se em espaço”. O próprio espaço é subvertido: bi- ou tridimensional? Rectilíneo ou curvo? A desorientação, que é uma consequência da elevada simetria, atinge o cúmulo no deserto antártico. Os extremos tocam-se. Ordem e desordem são parentes próximos. Ao contrário do espaço, o tempo não é simétrico – flui sempre na direcção do futuro. No entanto, os gelos multimilenares da Antárctida, tal como o solo do mais velho dos continentes, a Austrália, contêm a história da evolução do nosso Universo. A obra de David Stephenson interroga o passado com a mesma perspicácia com que se debruça sobre o futuro. ■

Jorge Calado, Comissário

CONFERÊNCIA GULBENKIAN SAÚDE A MEDICINA E OS SINAIS DOS TEMPOS

Em 50 anos de existência da fundação Gulbenkian, muitas foram as mudanças na Medicina, nos seus fundamentos enquanto ciência e nas suas práticas enquanto arte de tratar. Mudaram-se paradigmas e modificaram-se procedimentos: nos diagnósticos, nas terapêuticas e na forma de os doentes se relacionarem com os médicos. As mudanças passaram também pelas novas tecnologias que alteraram radicalmente, nalgumas áreas, o modo de “olhar” e de praticar a medicina. No dia 5 de Dezembro, o colóquio a medicina e os sinais dos tempos pretende promover um encontro de gerações, com os seus saberes próprios, debatendo perspectivas sobre a evolução da medicina. ■

COMUNICAÇÃO E PRECAUÇÃO EM AMBIENTE E SAÚDE

Na sequência dos colóquios realizados em Abril sobre o Ambiente e Saúde, terá lugar no dia 23 de Novembro, no auditório 3 da fundação, o encontro sobre comunicação e precaução em ambiente e saúde. O encontro reúne alguns dos mais destacados especialistas portugueses nestas matérias e os representantes da Agência Europeia de Ambiente, David Gee e do Joint Research Centre, Sílvia Funtowicz. Na ocasião será ainda apresentado o portal “Ambiente e Saúde”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. ■

5 DE DEZEMBRO | AUDITÓRIO 2

10H00 ABERTURA

Isabel Mota, *administradora da Fundação Calouste Gulbenkian*

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN AO SERVIÇO DA SAÚDE

– TESTEMUNHOS

DOCUMENTÁRIO

Madalena Miranda **REALIZAÇÃO**

A INVESTIGAÇÃO BIOMÉDICA E A PRÁTICA CLÍNICA

CONFERÊNCIA

António Coutinho

INTREVALO

11H30 GERAÇÕES E MUDANÇA NA MEDICINA

DEBATE

Henrique Bicha-Castelo, *Faculdade de Medicina de Lisboa*

Ricardo Seabra Gomes, *Instituto do Coração*

João Gomes Pedro, *Hospital de Santa Maria*

Maria Mota, *Instituto de Medicina Molecular*

Manuel Areias Sobrinho Simões, *Hospital S.João*

Luís Graça, *Faculdade de Medicina de Lisboa*

Moderador: Jorge Soares

18H30 SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Emílio Rui Vilar, *Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*

PRESENTE NA CRIAÇÃO

CONFERÊNCIA

João Lobo Antunes

19H30 AO SERVIÇO DA SAÚDE

EXPOSIÇÃO

Comissários: Ana Eiró e Jorge Soares

FÓRUM GULBENKIAN QUE POLÍTICAS PARA A IMIGRAÇÃO EUROPEIA?

Francò Frattini, vice-presidente da Comissão Europeia e comissário da Justiça, Liberdade e Segurança, e Françoise Pissart, representante da Network European Foundations, reúnem-se na Fundação Calouste Gulbenkian, no dia 21 de Novembro, no Auditório 2, a partir das 15h00, para delinear estratégias de integração dos imigrantes na União Europeia. Depois do debate, será criada a nível nacional uma nova Plataforma sobre Acolhimento e Políticas de Integração de Imigrantes, pela Fundação Calouste Gulbenkian, entre outras fundações, e por organizações da sociedade civil.

A conferência *A União Europeia e a Imigração* quer discutir a Agenda Comum para a Integração e a Abordagem Comum em matéria de Gestão da Imigração Económica, em mais uma iniciativa do Fórum Gulbenkian Imigração, comissariado por António Vitorino.

O ex-comissário europeu para a Justiça e Assuntos Internos falará sobre “Políticas da União Europeia de imigração e integração de imigrantes”, numa sessão em que vai estar presente o ministro do Estado e da Administração Interna, António Costa.

As migrações no interior e de fora da Comunidade Europeia têm vindo a intensificar-se nos últimos anos. A Espanha é um dos países com mais afluxo: este ano desembarcaram quase 20 mil imigrantes ilegais nas Canárias (na sua maioria trabalhadores pouco qualifi-

cados), número três vezes superior ao registado em 2005. Conscientes desta realidade, as instituições europeias têm vindo a concertar posições, sobretudo a partir do Programa de Haia, em 2004, que traçou os objectivos da comunidade em política de imigração até 2009. A par deste programa, os próximos dois anos estão consagrados como Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos (2007) e Ano Europeu do Diálogo Intercultural (2008).

No entanto, “a temática da segurança, cobrindo a gestão dos fluxos migratórios e o combate à imigração ilegal e ao tráfico de seres humanos, tem tido especial destaque”, diz António Vitorino, e há falhas na integração, área em que é preciso apostar.

É por isto que a Fundação Calouste Gulbenkian se associa a uma plataforma nacional para facilitar a inserção das comunidades imigrantes. O grupo de acompanhamento da plataforma, que terá três reuniões anuais, vai seguir a integração dos Princípios Básicos Comuns nas políticas e práticas locais e nacionais, e promover a realização de fóruns de reflexão. Este grupo deverá preparar o regulamento do Instrumento de Reconhecimento de Boas Práticas. No dia 21 de Novembro, Hywel Ceri Jones vai ainda apresentar o Programa Europeu para a Integração e Migrações (European Programme for Integration and Migration – EPIM). ■

A CIÊNCIA E A CIDADE: O PLANO

Depois de um vasto e participado programa de debates, *A Ciência e a Cidade* terá a sua penúltima sessão no dia 15 de Novembro, às 18h00, no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian, com a participação do arquitecto Nuno Portas, professor jubilado da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Segue-se um debate com o arquitecto João Afonso e o artista plástico Ricardo Jacinto. José Vítor Malheiros, jornalista do *Público* especializado em questões da ciência, será o moderador.

Nuno Portas propõe-nos uma renovada reflexão sobre a forma como vemos e habitamos as cidades, vilas e aldeias, criadas e transformadas ao longo da história até à explosão da urbanidade contemporânea.

Os temas a debater são:

1 – A cidade, as actividades e os modos de vida que são a sua razão de ser e a explicação das suas mutações de

dimensão e estrutura, assim como da relação com os territórios que polarizam.

2 – A dimensão cultural e artística das cidades, traduzida nas suas formas e arquitecturas, nos seus espaços de valorização humana e da sociabilidade.

3 – O governo das cidades antes e depois da Revolução Industrial: a construção do “espaço público” e a difícil gestão da sua compatibilidade com os interesses particulares desiguais, a preservação dos patrimónios e dos valores naturais e ambientais. A valorização das suas actividades face aos desafios cada vez mais “globais”. Falar-se-á ainda de Lisboa como exemplo bem ilustrativo das diferentes épocas e olhares sobre a cidade em Portugal, com algumas comparações com outros países nas mesmas épocas. Este ciclo encerra-se no dia 13 de Dezembro com uma sessão sobre “O Risco”, a cargo de Alexandre Quintanilha, com comentários de Miguel Freitas e Elisabete Jacinto. ■

FUNDAÇÃO CRIA CINCO PRÉMIOS GULBENKIAN

No âmbito das comemorações do cinquentenário da Fundação, o Conselho de Administração decidiu criar cinco **Prémios Gulbenkian**, um internacional e quatro relativos às suas grandes áreas estatutárias (arte, educação, beneficência e ciência). Com estes prémios, a Fundação pretende distinguir uma pessoa ou instituição que se tenha evidenciado por uma actuação exemplar e relevante nas referidas áreas.

O **Prémio Internacional** será de 100 mil euros e destina-se a distinguir projectos na área dos Direitos Humanos (diálogo intercultural e interétnico) e do Ambiente. Será atribuído alternadamente em cada ano. O presidente do júri internacional é o dr. Jorge Sampaio.

No valor de 50 000 € (cinquenta mil euros), os prémios serão entregues todos os anos a 20 de Julho, dia do Fundador. A decisão de atribuição será da responsabilidade do Conselho de Administração da Fundação, com base numa proposta de um júri independente constituído para o efeito e composto por personalidades de reconhecido mérito, nacionais e estrangeiras. O júri do **Prémio**

Gulbenkian para a Beneficência será presidido por António Barreto e o do **Prémio Gulbenkian para a Ciência** por Fernando Lopes da Silva. O **Prémio Gulbenkian para a Educação** e o **Prémio Gulbenkian para a Arte** serão presididos, respectivamente, por Maria Helena da Rocha Pereira e por João Marques Pinto. No processo de avaliação das candidaturas, o júri utilizará como critérios fundamentais a prossecução dos objectivos que presidiram à instituição do Prémio, bem como o impacto, a originalidade e o carácter inovador da contribuição do candidato para a temática em questão no ano em causa. São elegíveis para o Prémio quaisquer pessoas singulares ou pessoas colectivas sem fins lucrativos, de nacionalidade portuguesa e que exerçam a sua actividade em Portugal ou no estrangeiro, ou estrangeiras que exerçam a sua actividade em Portugal. O Prémio não poderá ser atribuído a título póstumo ou a uma instituição que tenha cessado a sua actividade. Os Prémios Gulbenkian serão atribuídos pela primeira vez em 2007. ■

FUNDAÇÃO ASSINA PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO COM A EMIRATES FOUNDATION

A Fundação Calouste Gulbenkian vai colaborar e trocar experiências com a Fundação Emirados (Emirates Foundation), com vista à melhoria do trabalho filantrópico de ambas as instituições. O protocolo foi assinado no dia 8 de Outubro, em Abu Dhabi, pelo presidente da Fundação, Emílio Rui Vilar, e pelo presidente da Autoridade de Assuntos Executivos de Abu Dhabi e membro da direcção da Fundação Emirados, H.E. Khalidoun Khalifa Al Mubarak. Esta parceria centra-se nas esferas da Educação, da Arte, da Ciência e do Desenvolvimento Humano, em linha com as áreas estatutárias da Fundação Calouste Gulbenkian. Neste sentido, as duas fundações vão cooperar através de iniciativas conjuntas de exposições de arte, performances culturais, conferências, seminários, cursos, bibliotecas de arte e ciência, conservação e restauro de documentos e peças de arte, e programas de bem-estar social, entre outros.



O documento salienta ainda a vontade de reforçar o entendimento cultural mútuo entre Portugal e os Emirados Árabes Unidos, procurando aplicar os conhecimentos adquiridos na melhoria da qualidade de vida em ambos os países. ■



ENCONTRO DE SABERES REÚNE EX-BOLSEIROS DA FUNDAÇÃO

Pinto Paixão, Pedro Magalhães, Ana Tostões e Arantes e Oliveira (na foto com o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, e com o administrador Marçal Grilo) coordenaram o livro “Encontro de Saberes”, apresentado no dia 16 de Outubro. O lançamento da obra, com textos de alguns bolsеiros, foi oportunidade para o encontro de mais de duas centenas de antigos e actuais bolsеiros de pós-graduação da Fundação, que há quase meio século apoia a aprendizagem qualificada. Cada um dos autores convidados contribui para a reflexão na sua área de estudo, fazendo desta obra um cruzamento de olhares em saberes diversificados. ■

3º CICLO SOBRE MEDICINA PREVENTIVA DO CANCRO

O cancro familiar é o tema da terceira série de colóquios para a prevenção da doença, organizados pela Fundação Calouste Gulbenkian, o Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto (Ipatimup) e a Fundação de Serralves. O ciclo reuniu professores do ensino secundário de Biologia e de Físico-Química, em Outubro, na Fundação Calouste Gulbenkian, e continua nos dias 29 de Novembro e 6 de Dezembro, às 14h30, no auditório do Museu da Fundação de Serralves. Com os encontros científico-pedagógicos pretende-se apresentar e debater estratégias de prevenção, a partir dos conhecimentos existentes sobre as causas e características biomoleculares do cancro. O acesso é gratuito, mas exige inscrição prévia (informação disponível em www.ipatimup.pt). ■

NOVO PROGRAMA GULBENKIAN INCENTIVA CRIATIVIDADE NAS CIÊNCIAS DA VIDA

A Fundação Calouste Gulbenkian vai incentivar anualmente a originalidade e o desenvolvimento de ideias criativas na investigação das ciências da vida. As candidaturas para o Programa Gulbenkian de Apoio à Investigação na Fronteira das Ciências da Vida 2006 estão abertas a jovens investigadores associados a instituições e centros de investigação portugueses, até 15 de Dezembro. Este programa pretende levar os centros de excelência a apostarem em investigadores mais jovens, nas áreas de fronteira (*cutting-edge research*). As instituições vencedoras vão receber 50 mil euros, prémio que se destina à realização de um projecto de investigação autónomo, desenvolvido por um jovem investigador, recentemente associado a essa mesma instituição. ■

FUNDAÇÃO GULBENKIAN APOIA FUNDAÇÃO SAID-BARENBOIM

Durante três anos, três músicos da West-Eastern Divan Orchestra vão receber o apoio da Fundação Gulbenkian, através de bolsas de estudo para estágio na orquestra. Este agrupamento é um dos inúmeros projectos levados a cabo pela Fundação Said-Barenboim, instituição sem fins lucrativos que pretende contribuir para a pacificação e interacção entre os povos. A orquestra acolhe músicos do Médio Oriente especialmente israelitas e palestinianos. ■

CUIDADOS PALIATIVOS EM MANUAL

Manual de Cuidados Paliativos é uma das mais recentes publicações da Fundação Calouste Gulbenkian, em colaboração com o Núcleo de Cuidados Paliativos, da Faculdade de Medicina de Lisboa. Esta obra vem contribuir para a humanização dos cuidados de saúde, de que os cuidados paliativos são exemplo, porque “ultrapassam em muito o tratamento da doença orgânica e das suas manifestações, como a dor. Implicam o apoio psicológico, o combate ao isolamento, o apoio na compreensão da doença, e até muitas vezes o apoio material”, sublinhou a administradora Isabel Mota, no lançamento da publicação, a 9 de Outubro. O manual será, por isso, “da maior utilidade para quem tem a responsabilidade de prestar cuidados paliativos”. “Refiro-me não só aos profissionais de saúde, a quem se exige uma competência particular, como também a todos os que não abdicam de lutar, até ao fim, pela dignidade humana”, explicou a administradora. Nesta sessão marcaram presença Maria Cavaco Silva, o ministro da Saúde, Correia de Campos, e o cirurgião António Lobo Antunes, entre outros. ■



RESIDÊNCIA ANDRÉ DE GOUVEIA TEM NOVO DIRECTOR

O Conselho de Administração da Fondation des universités de Paris – Résidence André de Gouveia (FUPRAG), reunido em Outubro passado, em Paris, nomeou Manuel Rei-Vilar novo director da residência. Rei-Vilar é investigador do Centre national de la recherche scientifique (CNRS) e do Laboratoire des interfaces, traitements, organisation et dynamique des systèmes (Itodys) da Universidade Diderot-Paris VII. A reabertura da residência está prevista para o início de 2007, após obras de manutenção e requalificação. A nova composição do Conselho de Administração da FUPRAG passará a ser a seguinte: presidente da Fundação Calouste Gulbenkian (presidência), reitor chanceler das Universidades de Paris, presidente do Conselho de Administração e delegada-geral da Cité internationale universitaire de Paris, e ainda Teresa Rita-Lopes, Clara Crabbé Rocha, António Pedro Vicente, Carlos Monjardino, Maris Graciette Besse e Michel Chandeigne.

Foi ainda anunciado, na ocasião, que o protocolo celebrado entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério da Ciência e do Ensino Superior português, em Julho de 2002, foi declarado, em conjunto, sem efeito. Assim, a Fundação Calouste Gulbenkian mantém a posição institucional que possui na Residência André de Gouveia e que consiste na presidência do Conselho de Administração da FUPRAG, a entidade responsável pela gestão da Residência. ■

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN UMA FUNDAÇÃO NO MUNDO

Por ocasião do seu cinquentenário, a Fundação Calouste Gulbenkian encomendou um documentário institucional ao realizador e produtor Jorge Fialho. Neste trabalho documental, intitulado *Fundação Calouste Gulbenkian uma Fundação no Mundo*, produzido em português e inglês, o autor procurou sintetizar todo o trabalho de intervenção da fundação nos últimos 50 anos bem como os seus propósitos para o futuro. O filme, com a duração de 30 minutos, sintetiza as acções da Fundação no âmbito das suas quatro áreas estatutárias: educação, beneficência, saúde e desenvolvimento humano e do modo como marcou a sociedade portuguesa da última metade do século XX. ■

A RELAÇÃO ENTRE O CORPO E A ARQUITECTURA

Nome: Mariana Silva Rocha*

Idade: 35 anos

Área: Dança



POR ONDE ESTUDOU E DANÇOU ATÉ DECIDIR FREQUENTAR O MESTRADO?

Fiz a minha formação em dança clássica e contemporânea começando no Porto, de onde sou natural, e depois em Lisboa, no Conservatório Nacional de Dança e na Escola Superior de Dança, onde terminei a minha licenciatura em 2002. A minha primeira estadia em Paris data de 1991, numa companhia profissional de dança contemporânea. A partir de 2000, além de leccionar dança contemporânea na Escola Superior de Teatro da ESMAN e de trabalhar em produção no Rivoli Teatro Municipal, comecei a realizar criações de dança contemporânea. O meu interesse foi-se focalizando na criação do tipo *site-specific* para espaços não convencionais, tendo criado alguns espectáculos neste campo. Continuei a trabalhar como intérprete, participando em vários espectáculos de dança vertical no espaço urbano do coreógrafo Bruno Diziën. Em Setembro de 2006, a convite do FIMP, realizei na Praça D. João I, no Porto, a performance *Selva Urbana*, a partir de um projecto de intervenção plástica. A vontade de explorar este território da dança *site-specific* e a necessidade de aprofundar os meus conhecimentos nesta área levou-me a decidir frequentar o mestrado em Dança. Nesta universidade, o currículo de mestrado propõe uma reflexão teórico-prática sobre a relação entre o corpo e a arquitectura.

IMPRESSÕES DO CURSO...

A experiência tem sido bastante gratificante pela oportunidade de retomar uma reflexão teórica sobre a dança, abordando temas variados relativos às correntes de pensamento actuais, conduzida por investigadores conceituados. A oportunidade de trabalhar sobre obras recentes, por vezes com a intervenção directa dos próprios artistas, enriquece muitíssimo esta experiência. Outra das vantagens é a variedade de documentos e registos videográficos existentes para consulta na universidade.

Um dos momentos relevantes foi o seminário relativo a Corpo e Arquitectura, realizado em parceria com a Escola de Arquitectura Paris-Malaquais, co-orientado por arquitectos e formadores de dança e no qual trabalhei com o coreógrafo Christophe Haleb, cujo trabalho coreográfico estou a analisar para a minha tese sobre a dança no espaço público. O seminário resultou num projecto prático apresentado ao público em Maio, nos Rencontres chorégraphiques de Seine-Saint Denis, e foi seleccionado entre outros para uma exposição nas Journées du patrimoine, em França.

PROJECTOS FUTUROS...

A expectativa é de que este processo de formação venha enriquecer a minha prática de criação coreográfica. Gostaria de poder continuar a realizar projectos neste domínio, desenvolvendo uma reflexão sobre a relação entre o corpo e o seu movimento e o contexto dos espaços que habitamos. Continuo igualmente interessada em participar em projectos de outros coreógrafos, explorando territórios que me conduzam a novas perspectivas de reflexão através da dança. ■

* bolsista do Serviço de Música – Programa de Apoio à Dança, a frequentar mestrado na Universidade Paris VIII

AS NOVAS FRONTEIRAS DO CINEMA

Nome: Cláudia Tomaz*

Idade: 33 anos

Área: Cinema



COMO ESTÁ A DECORRER A SUA EXPERIÊNCIA ACADÉMICA EM FILADÉLFIA?

Estou na Temple University como artista-em-residência faz um ano em Novembro. O projecto inicial era desenvolver um argumento de longa-metragem chamado *Mobile*, trabalhando com o professor Jeff Rush como consultor. Fazer pesquisa e investigação para esse filme, fazia parte do projecto inicial e tem sido um *work-in-progress* com diversas variações, dando origem a novos projectos que tenho concretizado. A par disso estou a ter aulas em Media Arts, procurando novas formas de expressão visual e novos futuros e fronteiras para o cinema.

EM QUE PROJECTO TRABALHA ACTUALMENTE?

Actualmente estou a finalizar uma série de trabalhos: um livro de textos e imagens que criei a partir de um blog – <http://mobilenarratives.blogspot.com> – e que vou publicar em www.lulu.com – um *site* para Self-Publishing on Demand, estou a terminar o meu *website* – www.clauditomaz.com e a finalizar o meu argumento... Na continuidade desses trabalhos e vendo o projecto *Mobile* como um *work-in-progress*, estou agora a começar a trabalhar no que chamo *Mobile Inter-Act*, que é uma versão interactiva do guião. Este projecto interactivo para internet e cd-rom pretende apresentar o argumento *Mobile* de uma forma inovadora e ao mesmo tempo muito prática. Pode ser usado como um *pitch* do filme (por exemplo para conseguir financiamento) e como ferramenta de trabalho para mim e para a equipa / actores, permitindo-me criar um hiperdocumento com *links* para textos, fotos, notas, reunindo assim informação dispersa. Estou também a fazer um filme chamado *Ballad of Technological Dependency*. Foi uma ideia que comecei a desenvolver como forma de questionar algumas ideias formais e de conteúdo para o projecto-filme *Mobile*, mas que entretanto começou a ser um projecto em si mesmo. O filme é composto por várias

histórias curtas, na fronteira entre ficção e documentário e questiona processos físicos e emocionais criados pelas novas tecnologias na vida quotidiana. Estou a terminar a primeira história, a começar a trabalhar com um músico, a preparar as próximas filmagens.

E DEPOIS?

Percebi que a minha investigação, para além dos projectos concretos que estou a desenvolver, é uma pesquisa sobre o que significa ser artista hoje e o que é ser artista independente... quais as vantagens, quais as fronteiras, quais os limites. Nesse sentido, criei o conceito de um laboratório a que chamei HolonFilmLAB (blog: <http://holonfilmmlab.blogspot.com>), que será em si mesmo um projecto a ter continuidade no futuro. A ideia é criar um espaço multidisciplinar para a criação experimental independente, pensar esses limites, mas também produzir filmes, transfilmes, pós-filmes, pesquisar, criar em *network*, ensinar, partilhar... explorando novas fronteiras para “O que é um filme?”, questionando-as e envolvendo-as com novas tecnologias / *new media*. Esse tem sido o meu percurso aqui. Tenho aprendido a trabalhar com *softwares* novos e formas inovadoras de criar e experienciar imagens e narrativas. Ser artista hoje é também questionar essa relação com o mundo tecnológico que se torna cada vez mais banal, invisível, quotidiana. Qual é a nossa posição? Onde fica o corpo, as emoções? Essa era uma das premissas do filme que tenho estado a desenvolver e penso que esta experiência aqui em Filadélfia, com a Bolsa Gulbenkian / FLAD, me fez ir muito mais longe, ver as coisas de uma maneira diferente, estar alerta e activa de um modo novo. ■

* bolsreira do Serviço de Belas-Artes e da FLAD na Temple University, Filadélfia



ESTOJO PARA PENAS PÉRSIA, PERÍODO QAJAR

A abertura do Irão à Europa, em meados do século XIX, e a circulação mais intensa de viajantes e obras de arte marcaram, directa ou indirectamente, a arte e a cultura do período Qajar (1779-1924). Por outro lado, os temas épicos da tradição persa clássica dominaram também a produção artística desta época. A pintura em pequenas superfícies – manuscritos, pequenos estojos, encadernações e caixas para espelhos – era praticada pelos pintores da corte com grande mestria. Todas estas peças eram feitas de *papier mâché*, cartão ou madeira pintados e lacados. Este estojo para penas é típico da produção da época Qajar e bem representativo de uma vasta produção de objectos com decoração lacada. O modelo mais fabricado consiste numa única caixa que integra duas partes; nestas, a tampa deslizante encaixa perfeitamente no compartimento fixo. Este último serve para colocar as penas e outros objectos de escrita, como, por exemplo, o tinteiro metálico, que nesta peça foi acrescentado posteriormente. A decoração dos estojos é muito variada e neste exemplar, ao gosto safávida, estão representadas cenas de caça no topo e nas zonas laterais. Cada cena em que intervêm cavaleiros com turbantes encontra-se separada da seguinte por uma árvore de grande porte. Num dos lados é representado um príncipe a caçar um

javali. É provável que esta cena esteja relacionada com um episódio do poema épico *Shahnama* (Livro dos Reis), em que Manuchihr expulsa das terras de Irman uma manada de ferozes javalis.

Algumas características iconográficas e estilísticas que se podem observar neste estojo apontam para o gosto de cariz historicista do período Qajar, marcado pelo revivalismo, em que os artífices imitavam os modelos safávidas. É disso exemplo o tipo de turbantes dos cavaleiros aqui representados, comum no final da dinastia safávida. De facto, a classe militar da dinastia Qajar usava uma espécie de gorro alto de astracã negro. A crescente procura interna e externa de peças de arte safávida justifica a produção considerável de objectos de estilo pseudo-safávida, por vezes difíceis de identificar como tal. ■

Estojo para penas

Pérsia, finais do século XIX ou inícios do século XX, período Qajar

Cartão pintado e lacado

4 x 23 x 4,5 cm

Proveniência: adquirido por intermédio de Archag Kahn a 23 de Agosto de 1937.

Inv. n.º 2334



FERNANDO CALHAU

Trata-se de uma das últimas peças realizadas pelo artista. Os três últimos anos de vida de Fernando Calhau foram muito intensos em termos de exposições. Nunca antes, talvez só no início do seu percurso, o seu ritmo expositivo fora tão acentuado. Este trabalho constituiu uma das peças centrais de uma exposição inesquecível que realizou juntamente com Rui Chafes, no Pavilhão Branco do Museu da Cidade, em Lisboa. A exposição intitulava-se *Um passo no escuro* e tinha como temas a noite, a escuridão, o negro, como variações em torno da ideia de limite, um conceito estruturante da obra dos dois artistas.

A escultura, um longo e alto corredor com cerca de 4,5 metros de comprimento por 1,5 metros de altura, composto por placas de aço quadradas, acopladas umas às outras com parafusos, é, numa primeira abordagem, incontornável e imperscrutável na sua presença. Circundando a peça descobrimos, em cada uma das extremidades, na sua face interior, junto ao chão, uma inscrição luminosa, um símbolo em néon azul. Como sempre, Calhau utiliza a palavra ou o símbolo gráfico com extrema precisão – material, visual

e simbolicamente falando. Materialmente, a articulação de duas substâncias frias mas orgânicas reforça uma certa ideia de encontro enquanto estranheza familiar; visualmente, a reflexão do néon no aço remete para uma ambiência nocturna, uma espécie de aproximação à ideia de luar, misteriosa e sensorial; finalmente, de um ponto de vista simbólico, a peça alude ao carácter paradoxal da vida, remetendo para os limites físicos da existência e para a inevitabilidade metafísica da morte. ■

Fernando Calhau

#335, 2002

Aço e néon

148 x 437 x 36 cm

VARIANTE

A década de 1940 começou, em Portugal, sob o signo das comemorações dos centenários. O novo regime, autoritário e ditatorial, desenhado segundo a vontade e pensamento de um homem, Oliveira Salazar, escolheu o ano de 1940 para realizar a sua autoconsagração, juntando a esta data outras duas com significado na história do país: 1140, ano da fundação da nacionalidade e 1640, data da independência em relação à coroa de Espanha. A propaganda oficial, orquestrada por António Ferro, desejava mostrar, internamente e ao mundo – o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, de passagem por Lisboa, não deixou de expressar a sua admiração pela grandiosidade do evento realizado em Belém –, a imagem de um país forçado a ser ordeiro e agradecido por ter sido salvo dos horrores da guerra que então devastava o continente europeu. A década revelou-se, contudo, pouco festiva, com o regime a accionar os seus mecanismos de controlo ideológico e de repressão sobre intelectuais e artistas que, apesar deles, não deixaram de expressar, por meios e formas diversas, a sua oposição.

Na Primavera de 1942, curiosamente o mesmo ano em que Calouste Gulbenkian chegou a Lisboa fugindo aos exércitos nazis, surgia no panorama editorial nacional uma nova revista. A publicação tinha como editor o pintor, poeta e dramaturgo António Pedro (1909-1966), um dos raros artistas da época a não participar nos festejos nacionais e nacionalistas encenados para glória do Estado Novo, em 1940. António Pedro foi uma figura singular do meio intelectual e artístico português, ligado a alguns dos acontecimentos marcantes das décadas de 1930 e 40, organizados em oposição e à margem dos parâmetros estéticos estabelecidos pelo poder oficial. À nova revista foi dado o nome de Variante, de acordo



com a definição do *Nouveau Petit Larousse illustré*: “n.f. – Texte d’un auteur, qui diffère de la leçon communément admise”, que se publicava no número inaugural. No texto de apresentação era afirmado que a *Variante* não tomava “posição de escola ou de partido”, servindo-lhe “para único compromisso um corte de relações com as múmias de todas as escolas e de todos os partidos”. “Revista de arte viva”, a sua periodicidade seria a das estações do ano e cada número seria temático, sendo que o da Primavera tinha sido “concebido sob o signo do INCONFORMISMO e da FANTASIA”, e o do Verão – que acabou por sair no Inverno de 1943 – teria como mote o “MAU GÔSTO” e a “IRONIA”. Nos dois únicos números da *Variante* publicaram-se textos de, entre outros, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Queirós, Delfim Santos, Ruy Cinatti, Vitorino Nemésio, Myron Malkiel-Jirmounsky e Giuseppe Ungaretti, com reproduções de pinturas e desenhos de Francisco Franco, Diogo Macedo, Sarah Afonso, Mário Eloy e Maria Keil, por exemplo. A Biblioteca de Arte tem no seu fundo documental, proveniente da doação Bordalo Botto, os dois números desta revista. ■

TÍTULO/ RESP *Variante* / António Pedro, ed. lit.
 NUMERAÇÃO N. da Primavera (1942) – n. do Inverno (1943)
 PUBLICAÇÃO Lisboa : Inquérito, 1942-1943
 DESCR. FÍSIC Il.; 27 cm
 PERIODICIDADE Irregular
 PROVENIÊNCIA Coleção Bordalo Botto
 COTA(S) PBB 1 RES

AGENDA

NOVEMBRO DEZEMBRO

COMO O CINEMA ERA BELO 50 FILMES INESQUECÍVEIS

Integrado nas Comemorações do Cinquentenário da Fundação e em colaboração com a Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, este Ciclo de Cinema apresenta 50 filmes, numa escolha de João Bénard da Costa. Uma mostra que assinala também a contribuição da Fundação, entre 1973 e 1990, para a divulgação do cinema através da organização de Ciclos, com obras clássicas, que marcaram uma época na formação dos gostos e na cultura cinematográfica em Portugal. Grande Auditório | €2,50

4 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H30

HOW GREEN WAS MY VALLEY | 1941

(O VALE ERA VERDE)

DE JOHN FORD

com Walter Pidgeon, Maureen O'Hara, Donald Crisp, Anna Lee, Roddy McDowall

4 NOVEMBRO, SÁBADO, 18H30

STARS IN MY CROWN | 1950

(ESTRELAS DA MINHA COROA)

DE JACQUES TOURNEUR

com Joel McCrea, Eillen Drew, Dean Stockwell

4 NOVEMBRO, SÁBADO, 21H30

E.T. – THE EXTRA-TERRESTRIAL | 1982

(E.T. – O EXTRATERRESTRE)

DE STEVEN SPIELBERG

com Henry Thomas, Dee Wallace, Peter Coyote

5 NOVEMBRO, DOMINGO, 15H30

CITIZEN KANE | 1941

(O MUNDO A SEUS PÉS)

DE ORSON WELLES

com Orson Welles, Joseph Cotten, Dorothy Comingore, Everett Sloane

5 NOVEMBRO, DOMINGO, 18H30

SOME CAME RUNNING | 1958

(DEUS SABE QUANTO AMEI)

DE VINCENTE MINNELLI

com Shirley MacLaine, Frank Sinatra, Dean Martin

5 NOVEMBRO, DOMINGO, 21H30

SPLENDOR IN THE GRASS | 1961

(ESPLENDOR NA RELVA)

DE ELIA KAZAN

com Natalie Wood, Warren Beatty, Sandy Dennis

11 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H30

CHIKAMATSU MONOGATARI | 1954

(OS AMANTES CRUCIFICADOS)

DE KENJI MIZOGUCHI

com Kyoko Kagawa, Kiazu Hasegawa, Eitarō Shindo

11 NOVEMBRO, SÁBADO, 18H30

U SAMOGO SINEVO MORIA | 1936

(Á BEIRA DO MAR AZUL)

DE BORIS BARNET

com Elena Kuzmina, Lev Sverdline, Nikolai Kriutchkov

11 NOVEMBRO, SÁBADO, 21H30

ORDET | 1955

(A PALAVRA)

DE CARL TH. DREYER

com Henrik Melberg, Emil Haas Christensen, Birgitte Federspiel

12 NOVEMBRO, DOMINGO, 15H30

THE GHOST AND MRS. MUIR | 1947

(O FANTASMA APAIXONADO)

DE JOSEPH L. MANKIEWICZ

com Gene Tierney, Rex Harrison, George Sanders

12 NOVEMBRO, DOMINGO, 18H30

SPIDER | 2003

(SPIDER)

DE DAVID CRONENBERG

com Ralph Fiennes, Miranda Richardson, Gabriel Byrne

12 NOVEMBRO, DOMINGO, 21H30

EYES WIDE SHUT | 1999

(DE OLHOS BEM FECHADOS)

DE STANLEY KUBRICK

com Tom Cruise, Nicole Kidman, Sydney Pollack

1 DEZEMBRO, SEXTA, 15H30

UNBREAKABLE | 2000

(O PROTEGIDO)

DE M. NIGHT SHYAMALAN

com Bruce Willis, Samuel L. Jackson, Robin Wright Penn

1 DEZEMBRO, SEXTA, 18H30

VAMPIRES | 1998

(OS VAMPIROS DE JOHN CARPENTER)

DE JOHN CARPENTER

com James Woods, Daniel Baldwin, Sheryl Lee, Thomas Ian Griffith, Maximilian Schell

1 DEZEMBRO, SEXTA, 21H30

BIG FISH | 2003

(GRANDE PEIXE)

DE TIM BURTON

com Ewan McGregor, Albert Finney, Billy Crudup, Jessica Lange

8 DEZEMBRO, SEXTA, 15H30

JOHNNY GUITAR | 1954

(JOHNNY GUITAR)

DE NICHOLAS RAY

com Joan Crawford, Sterling Hayden, Mercedes McCambridge, Ernest Borgnine

8 DEZEMBRO, SEXTA, 18H30

FORTY GUNS | 1957

(QUARENTA ESPINGARDAS)

DE SAMUEL FULLER

com Barbara Stanwyck, Barry Sullivan, Dean Jagger

8 DEZEMBRO, SEXTA, 21H30

THE SEARCHERS | 1956

(A DESAPARECIDA)

DE JOHN FORD

com John Wayne, Jeffrey Hunter, Vera Miles, Natalie Wood

9 DEZEMBRO NOVEMBRO, SÁBADO, 15H30

CASABLANCA | 1942

(CASABLANCA)

DE MICHAEL CURTIZ

com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Paul Henreid, Claude Rains

9 DEZEMBRO NOVEMBRO, SÁBADO, 18H30

MAN HUNT | 1941

(FERAS HUMANAS)

DE FRITZ LANG

com Walter Pidgeon, Joan Bennett, George Sanders, John Carradine

9 DEZEMBRO NOVEMBRO, SÁBADO, 21H30

THE THIN RED LINE | 1998

(BARREIRA DO SILÊNCIO)

DE TERENCE MALICK

com Sean Penn, Adrien Brody, Jim Caviezel, Ben Chaplin

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, das 10h00 às 18h00 [encerradas às segundas-feiras]

As visitas guiadas para turistas no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e para grupos [mínimo 10 e máximo 20 pessoas] requerem marcação prévia para o tel. 21 782 36 20 [€60 por grupo em língua estrangeira e €50 por grupo nacional].

11 NOVEMBRO ATÉ 14 JANEIRO 2007

DIÁLOGOS DE VANGUARDA

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

Esta exposição abrange todo o período de actividade de Amadeo, aproximadamente uma década (1907-1918) e pretende estabelecer um reencontro entre a sua obra e a de artistas estrangeiros seus contemporâneos, dentro e fora do seu círculo de amizades, mas em cujas obras se revelem os sinais e as culpidades experimentais do tempo. Este acontecimento, que reúne perto de 260 obras, só se concretizou graças à colaboração de vários museus nacionais e internacionais e de colecionadores particulares, portugueses e estrangeiros. Entre eles, os herdeiros de Amadeo de Souza-Cardoso a quem se deve uma colaboração incondicional para a realização desta exposição.

Visitas-conversa:

19 Novembro, domingo, 12h00, *Diálogos de vanguarda: Amadeo no contexto internacional - uma introdução à exposição*, por Hilda Frias

19 Novembro, domingo, 15h00, *A cor no tempo de Amadeo 1: A Cor e o Tema*, por Ana Gonçalves

26 Novembro, domingo, 12h00, *A desfragmentação da imagem e a desmultiplicação do plano*, por Lígia Afonso
Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, Pisos 0 e 01

22 NOVEMBRO ATÉ 22 ABRIL 2007

CONVOCAÇÃO I E II

(MODO MENOR E MODO MAIOR)

FERNANDO CALHAU

Uma reavaliação da obra de Fernando Calhau, artista cujo percurso singular, em constante e persistente diálogo com o minimalismo e a arte conceptual, se constitui como caso único no panorama artístico português do século XX. O pretexto é a extensa e importante doação que a viúva do artista, Cândida Calhau, fez à Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição foca sobretudo a vasta produção de desenho e de gravura de Fernando Calhau, em grande parte inédita, bem como alguma pintura nunca ou raramente vista, e ainda conjuntos escultóricos de grandes dimensões.

Visitas-conversa:

26 Novembro, domingo, 15h00, *A desfragmentação da imagem e a desmultiplicação do plano*, por Susana Anágua
Piso 1 CAMJAP

AINDA PODE VER...

ATÉ 31 DEZEMBRO

BOOK CELL INSTALAÇÃO

Matej Krén

O Projecto Book Cell do artista eslovaco Matej Krén, instalado no Hall do CAMJAP, consiste numa estrutura arquitectónica constituída por milhares de livros empilhados em que somos convidados a entrar. Ideia recorrentemente explorada pelo artista, Book Cell reúne edições da Fundação Calouste Gulbenkian ao longo dos seus 50 anos, reforçando a natureza *site specific* do trabalho com a incorporação de um dos mais preciosos filões da história da intervenção cultural desta instituição.

CAMJAP, Hall

Entrada livre

ATÉ 7 JANEIRO 2007

MUNDOS DE SONHO

GRAVURAS E PINTURAS JAPONESAS MODERNAS DA COLEÇÃO ROBERT O. MULLER

Uma selecção de quase uma centena de gravuras japonesas, obras-primas da célebre colecção Robert O. Muller da Arthur M. Sackler Gallery, de Washington. Doada à Sackler Gallery, após a morte do coleccionador, em 2003, as gravuras documentam o modo como as qualidades expressivas e funções da gravura tradicional japonesa em madeira se adaptaram aos desafios da modernidade em finais do século XIX e início do século XX. A exposição contém alguns dos mais notáveis exemplos de trabalhos dos artistas do *shin hanga* ou do movimento "nova gravura".

Visitas guiadas: terças e quintas, 15h00

12 Novembro, 17 Dezembro, domingo, 11h00

Sala de Exposições Temporárias do Museu

Entrada livre

ATÉ 7 JANEIRO 2007

GRAVURA

JOSÉ PEDRO CROFT

José Pedro Croft tem desenvolvido, a par da escultura, uma obra igualmente importante no desenho e na gravura. A presente exposição apresenta gravuras recentes, impressas em Barcelona nas reputadas Oficinas de Tristan Barbara. São obras de grande impacto visual, quer pela sua grande dimensão quer pelo extraordinário trabalho sobre a cor que o artista realizou.

CAMJAP, Galeria de Exposições Temporárias

Entrada livre

ATÉ 29 ABRIL 2007

A FUNDAÇÃO INSTALAÇÃO

PEDRO CABRITA REIS

Uma instalação iniciada em Julho que reúne materiais da Fundação Gulbenkian dos últimos 50 anos. Incorpora metáforas da construção, da casa, do ofício e labor, frequentes na sua obra, a que se juntam *The White Room*, uma ocupação no Hall de entrada do Museu com um conjunto de pinturas do artista.

CAMJAP, piso 0

ATÉ 29 ABRIL 2007

HUMOR E ILUSTRAÇÃO NA COLEÇÃO CAMJAP

Desde sempre, grandes artistas gostaram de estender o seu traço à interpretação mordaz do quotidiano urbano. Portugal não constituiu uma excepção e alguns dos artistas que viriam a constituir o centro do nosso primeiro modernismo deram provas disso. Artistas como Cristiano Cruz, António Soares, Jorge Barradas e até o próprio Amadeo de Souza-Cardoso, estão representado nesta exposição.

CAMJAP, piso 01

ATÉ 29 ABRIL 2007

A PARTIR DA COLEÇÃO

Algumas obras da colecção do CAMJAP consideradas importantes na História de Arte dos séculos XX e XXI são mostradas como perspectiva sumária e muito aberta sobre o espólio.

CAMJAP, piso 01

ATÉ 22 JULHO 2007

UMA OBRA EM FOCO A ESCULTURA BACO DE MICHAEL RYSBRACK (1693-1770)

Iniciativa que se propõe centrar a observação do público numa só obra dificilmente integrável no discurso expositivo do Museu Gulbenkian e por isso mantida em reserva. Criada em 1751 por Michael Rysbrack, artista flamengo que trabalhou em Londres na primeira metade do século XVIII.

Galeria de Exposição Permanente do Museu

VISITAS TEMÁTICAS NO CAMJAP

Entrada livre. Não é necessária marcação prévia.

CICLO ENCONTROS IMEDIATOS

CONVERSAS À HORA DO ALMOÇO

3 NOVEMBRO, SEXTA, 13H15

Eduardo Viana, La Petite – encontros com o modernismo, por Sílvia Almeida

17 NOVEMBRO, SEXTA, 13H15

Amadeo e as suas origens: A casa do ribeiro, A cozinha de Manhufe e a Procissão Corpus Christi (encontros com o modernismo), por Hilda Frias

24 NOVEMBRO, SEXTA, 13H15

A representação da paisagem: Amadeo de Souza-Cardoso, Gabriele Münter, Albert Gleizes, André Derain e Marcel Duchamp (encontros com o modernismo), por Sílvia Almeida

24 NOVEMBRO, SEXTA, 13H15

Espaços de quotidiano: Juan Gris, Fernand Léger, Olga Rozanova e Amadeo de Souza-Cardoso (encontros com o modernismo), por Lígia Afonso

7 DEZEMBRO, QUINTA, 13H15

Amadeo de Souza-Cardoso e Anglada Camarasa (encontros com o modernismo), por Carlos Carrilho

15 DEZEMBRO, SEXTA, 13H15

A máscara e o rosto: Jawlensky, Zúrate, Modigliani, Brancusi e Amadeo de Souza-Cardoso (encontros com o modernismo), por Lígia Afonso

22 DEZEMBRO, SEXTA, 13H15

Amadeo e o Orfismo: Alexandra Exter; Sónia Delaunay; Eduardo Viana (encontros com o modernismo), por Sílvia Almeida

CICLO ARTISTAS DA COLEÇÃO

4 NOVEMBRO, DOMINGO, 15H00

Eduardo Viana e os Delaunay ou K4, um espião?!, por Sílvia Almeida

12 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

Dos humoristas ao modernismo: o universo português, por Sílvia Almeida

CICLO VISÕES E ACASOS

5 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

Visões e acasos: a experiência do visitante II, por Lígia Afonso e Carlos Carrilho

3 DEZEMBRO, DOMINGO, 12H00

Visões e acasos: a experiência do visitante, por Lígia Afonso e Carlos Carrilho

CICLO ZONAS DE CONTACTO

11 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H00

Matej Krén e Pedro Cabrita Reis: os construtores de futuros, por Carlos Carrilho

25 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H00

Artistas e museus, por Sandra Vieira Jürgens

2 DEZEMBRO, SÁBADO, 15H00

Fernando Calhau e José Pedro Croft: O Confronto com o Negro, por Susana Anágua

9 DEZEMBRO, SÁBADO, 15H00

Museus e colecções, por Sandra Vieira Jürgens

CICLO GÉNEROS E MODOS

18 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H00

Book Cell - Matej Krén: o livro como matéria e metáfora, por Carla Mendes

Música

2 NOVEMBRO, QUINTA, 21H00

3 NOVEMBRO, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster MAESTRO

Matthias Goerne BARÍTONO

Josef Strauss, Kurt Weill, Gustav Mahler, Franz Schubert

Grande Auditório

5 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

CONCERTOS DE DOMINGO

Candida Oliveira CLARINETE

Elsa Silva PIANO

Bozza, Schumann, Jean Françaix, Claude Debussy,

Olivier Messian, Béla Bartók

Átrio da Biblioteca de Arte

Entrada livre



6 NOVEMBRO, SEGUNDA, 21H00

CICLO GRANDES ORQUESTRAS MUNDIAIS

PHILHARMONIA ORCHESTRA

Charles Dutoit MAESTRO

Mikhail Pletnev PIANO

Jean Sibelius, Edvard Grieg, Piotr Ilitch Tchaikovsky

7 NOVEMBRO, TERÇA, 19H00

CICLO DE CANTO

Elisabete Matos SOPRANO

Juan Antonio Álvarez Parejo PIANO

Piotr Ilitch Tchaikovsky, Antonin Dvorák, Sergei Rachmaninov

Grande Auditório

9 NOVEMBRO, QUINTA, 21H00

10 NOVEMBRO, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

Günther Herbig MAESTRO

Turid Karlsen SOPRANO

Nadine Weissmann MEIO-SOPRANO

Mário Alves TENOR

Robert Bork BAIXO

Johannes Brahms, Wolfgang Amadeus Mozart, Anton Bruckner

Nos 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart

Grande Auditório

14 NOVEMBRO, TERÇA, 19H00

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

QUARTETO MINGUET

Ulrich Isfort VIOLINO

Annette Reisinger VIOLINO

Irene Schwalb VIOLA

Matthias Diener VIOLONCELO

George Gershwin, Antonin Dvorák, George Crumb

Grande Auditório

16 NOVEMBRO, QUINTA, 21H00

17 NOVEMBRO, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Günther Herbig MAESTRO

Lukás Vondráček PIANO

Felix Mendelssohn-Bartholdy, Robert Schumann, Jean Sibelius

Nos 150 anos da morte de Robert Schumann

Grande Auditório

18 NOVEMBRO, SÁBADO, 19H00

CICLO DE CANTO

Irina Mataeva SOPRANO

Ekaterina Semenchuk MEIO-SOPRANO

Daniil Stoda TENOR

Eduard Tsanga BAIXO

Larissa Gergieva PIANO

Dmitri Chostakovitch

No centenário do nascimento de Dmitri Chostakovitch

Grande Auditório

20 NOVEMBRO, SEGUNDA, 19H00

CICLO DE CANTO

Irina Mataeva SOPRANO

Ekaterina Semenchuk MEIO-SOPRANO

Eduard Tsanga BAIXO

Larissa Gergieva PIANO

Dmitri Chostakovitch

No centenário do nascimento de Dmitri Chostakovitch

Grande Auditório

21 NOVEMBRO, TERÇA, 19H00

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

BEAUX-ARTS TRIO

Daniel Hope VIOLINO

Antonio Meneses VIOLONCELO

Menahem Pressler PIANO

Franz Schubert, Dmitri Chostakovitch, Franz Schubert

No centenário do nascimento de Dmitri Chostakovitch

Grande Auditório

23 NOVEMBRO, QUINTA, 21H00

24 NOVEMBRO, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

John Nelson MAESTRO

Nina Kotova VIOLONCELO

Robert Schumann

Nos 150 anos da morte de Robert Schumann

Grande Auditório

26 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

CONCERTOS DE DOMINGO

Ana Paula Russo SOPRANO

Nuno Lopes PIANO

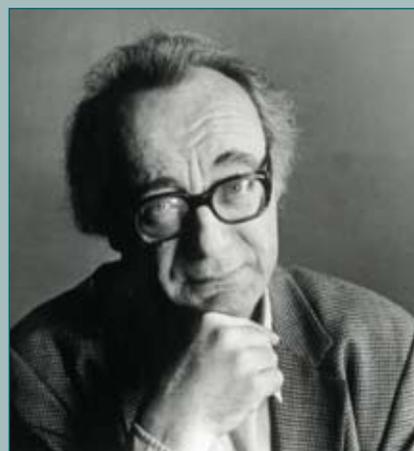
Cronner de Vasconcellos, Frederico de Freitas, Luis de Freitas

Branco, Vianna da Mota, Reynaldo Hahn, Claude Debussy,

Francis Poulenc, Alexander Von Zemlinski, Alban Berg

Átrio da Biblioteca de Arte

Entrada livre



26 NOVEMBRO, DOMINGO, 19H00

CICLO DE PIANO

Alfred Brendel PIANO

Joseph Haydn, Franz Schubert,

Wolfgang Amadeus Mozart, Joseph Haydn

Nos 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart

Grande Auditório

29 NOVEMBRO, QUARTA, 19H00

30 NOVEMBRO, QUINTA, 21H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Yaron Traub MAESTRO

Alfred Brendel PIANO

Luis Tinoco, Wolfgang Amadeus Mozart, Mussorgsky / Ravel

Nos 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart

Grande Auditório

3 DEZEMBRO, DOMINGO, 16H00

CICLO DE PIANO

TORADZE PIANO STUDIO

MARATONA SCRIBIN

Alexander Toradze e alunos do Toradze Piano Studio

(Indiana University South Bend-USA): Ketevan Badridze,

Sean Botkin, Maxim Mogilevsky, Svetlana Smolina, Irma

Svanadze, Gennadi Zagor.

Alexander Scriabin

Grande Auditório

4 DEZEMBRO, SEGUNDA, 19H00

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

QUARTETO CAPELA

Antônio Anjos VIOLINO

Bin Chao VIOLINO

Massimo Mazzeo VIOLA

Varoujan Bartikian VIOLONCELO

Miguel Borges Coelho PIANO

Dmitri Chostakovitch, Joly Braga Santos, Fernando Lopes-Graça

No centenário do nascimento de Fernando Lopes-Graça /

No centenário do nascimento de Dmitri Chostakovitch

Auditório 2

6 DEZEMBRO, QUARTA, 19H00

7 DEZEMBRO, QUINTA, 21H00

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

QUARTETO CAPELA

Lawrence Foster MAESTRO

Hélène Grimaud PIANO / RECITANTE

Bruce Sledge TENOR

Ludwig van Beethoven, Igor Stravinsky

Grande Auditório

11 DEZEMBRO, SEGUNDA, 19H00

VANGUARDAS / NOVAS VANGUARDAS

ENSEMBLE RECHERCHE

Emilio Pomarico DIRECÇÃO

Emmanuel Nunes, João Rafael, Gérard Grisey

Comentário pré-concerto: 18h00, Auditório Trés

Grande Auditório

12 DEZEMBRO, TERÇA, 19H00

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

Han-Na Chang VIOLONCELO

Sergio Tiempo PIANO

Robert Schumann, Dmitri Chostakovitch, Fryderyk Chopin

Nos 150 anos da morte de Robert Schumann /

No centenário do nascimento de Dmitri Chostakovitch

Grande Auditório

14 DEZEMBRO, QUINTA, 19H00

15 DEZEMBRO, SEXTA, 19H00

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

QUARTETO PRAZÁK

Václav Remes VIOLINO

Vlastimil Holec VIOLINO

Josef Kluson VIOLA

Michal Kanka VIOLONCELO

Alexander Zemlinsky, Johannes Brahms

Integral dos Quartetos para Cordas de Zemlinsky

e Brahms I [dia 14] | Integral dos Quartetos para Cordas

de Zemlinsky e Brahms II [dia 15]

Grande Auditório



16 DEZEMBRO, SÁBADO, 19H00

VANGUARDAS / NOVAS VANGUARDAS

REMIX ENSEMBLE

Emilio Pomarico DIRECÇÃO

Alexandra Moura SOPRANO

Trevor McTait VIOLA

György Ligeti, Sofia Gubaidulina, Edison Denisov, György Kurtág

Comentário pré-concerto: 18h00, Auditório Trés

Grande Auditório

17 DEZEMBRO, DOMINGO, 12H00

CONCERTOS DE DOMINGO

CICLO BOLSEIROS DA FUNDAÇÃO CALOUSTE

GULBENKIAN

Isabel Pereira VIOLA

João Loureiro GUITARRA CLÁSSICA

Isaac Albeniz, Franz Schubert, Astor Piazzolla

Átrio da Biblioteca de Arte | Entrada Livre

20 DEZEMBRO, QUARTA, 19H00

21 DEZEMBRO, QUINTA, 21H00

22 DEZEMBRO, SEXTA, 21H30

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

Michel Corboz MAESTRO

Letizia Scherrer SOPRANO

Katalin Halmi SOPRANO

Jan Kobow TENOR

João Fernandes BAIXO

Felix Mendelssohn-Bartholdy, Wolfgang Amadeus Mozart

Nos 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart

Grande Auditório | Casa da Música [dia 22]

EVENTOS

COLÓQUIO SOBRE POLÍTICAS DE LÍNGUA E DIVERSIDADE

7 NOVEMBRO, TERÇA, 10H00

Um dia de debate sobre a diversidade linguística nas escolas.

Apresentação de resultados do projecto, apoiado pela

Fundação que procura contribuir para a integração escolar

de alunos que não têm o Português como língua materna.

Auditório 2

XVII ENCONTRO DE LITERATURA PARA CRIANÇAS

8 a 10 NOVEMBRO, QUARTA A SEXTA, 10H00

CONTADO ÀS CRIANÇAS

Comissário: Pedro Mexia

As narrativas para crianças através do mundo dos

clássicos, da música, do cinema e dos vários formatos

de animação. No primeiro dia, à tarde, espectáculo de

teatro "a aldeia das 4 casas" pela Companhia de Teatro

Chapitô (inscrição prévia, Anabela Antunes 21 782 35 54

ou acantunes@gulbenkian.pt). Durante o encontro será

inaugurada uma exposição retrospectiva dos *Prémios*

Gulbenkian de Literatura para Crianças 1980-2004,

comissariada por Maria Cabral Pacheco de Miranda.

Auditório 2

Entrada livre

CICLO A CIÊNCIA E A CIDADE

15 NOVEMBRO, QUARTA, 18H00

A CIÊNCIA E A CIDADE: O PLANO

Nuno Portas

Comentadores:

João Afonso, *arquitecto*

Ricardo Jacinto, *artista plástico*

13 DEZEMBRO, QUINTA, 18H00

A CIÊNCIA E A CIDADE: O RISCO

Alexandre Quintanilha

Comentadores:

Miguel Freitas, *gestão na Universidade Católica*

Elizabeth Jacinto, *ralis (camiões)*

Auditório 2

FÓRUM GULBENKIAN IMIGRAÇÃO

21 NOVEMBRO, TERÇA, 18H00

A UNIÃO EUROPEIA E A IMIGRAÇÃO

Conferência sobre a Agenda Comum para a Integração

e a Abordagem Comum em matéria de Gestão da

Imigração Económica, que contará com a participação

do vice-presidente da Comissão Europeia e Comissário

Europeu para a Justiça, Liberdade e Segurança, Franco

Frattini, e da Network of European Foundations.

Auditório 2

Entrada Livre



CONFERÊNCIA INTERNACIONAL:

EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

27 e 28 NOVEMBRO, SEGUNDA E TERÇA, 9H30

COMO EQUACIONAR HOJE AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO?

Os resultados da pesquisa económica mais recente parecem comprovar que há uma correlação entre os níveis de educação, os aumentos de produtividade e as perspectivas de crescimento sustentável. As comparações internacionais disponíveis põem em destaque o factor educação como um dos factores explicativos fundamentais das diferenças de riqueza entre nações. Ele parece estar também por detrás das trajetórias de recuperação do atraso, com mais sucesso na última década.

Auditório 2

FÓRUM GULBENKIAN DE SAÚDE

IV CICLO "MEDICINA E SINAIS DOS TEMPOS"

DEBATE: GERAÇÕES E MUDANÇA NA MEDICINA

EXPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS E INSTRUMENTOS:

MEMÓRIAS DA MEDICINA PORTUGUESA

E A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

DOCUMENTÁRIO: A EVOLUÇÃO DA MEDICINA EM

PORTUGAL E A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

FESTA DO LIVRO GULBENKIAN 2006

24 NOVEMBRO A 22 DEZEMBRO

DOMINGO A QUINTA, 12H00 ÀS 22H00

SEXTA, SÁBADO E FERIADOS, 12H00 ÀS 24H00

A realização da Feira do Livro Gulbenkian 2006, surge enquadrada na estratégia de promoção e divulgação das publicações editadas pela Fundação e dá continuidade ao projecto Feira iniciado em Abril de 2005. Este ano a época escolhida, o Natal, servirá de incentivo adicional às compras pois além das aquisições para consumo próprio poderemos dar lugar às aquisições para a família e amigos.

Piso 02

PARA OS MAIS NOVOS

PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA AS ESCOLAS NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia, tel. 21 782 34 22; 21 782 34 57; fax 21 782 30 32
dcerqueira@gulbenkian.pt
www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta-feira
das 15h00 às 17h00
tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

ATELIÊS E VISITAS-ATELIÊS NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta-feira
das 10h00 às 12h30 e das 15h00 às 17h00
tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

4 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H30

PALAVRAS NA MÃO, OBRAS EM CONSTRUÇÃO

Visita-jogo, em torno da instalação de Matej Krén,
por Vera Alvelos e Adriana Pardal
Dos 6 aos 10 anos – €4,00

4 NOVEMBRO, SÁBADO 3 DEZEMBRO, DOMINGO

IDEIAS IRREQUIETAS

A CASA DA ÁRVORE

Histórias com arte, por Margarida Botelho e Dora Batalim

11H00 ÀS 12H00 | dos 2 aos 4 anos + 1 adulto

15H30 ÀS 17H00 | dos 5 aos 7 anos

€4,50

11 E 12 NOVEMBRO, SÁBADO E DOMINGO

SONS PARA UMA EXPOSIÇÃO!

Oficina, em torno da exposição *A Partir da Coleção*,

por Patrícia Craveiro Lopes e Marco Franco

11 | 15H30 ÀS 17H30 | dos 6 aos 10 anos

12 | 10H30 ÀS 12H30 | dos 4 aos 6 anos + 1 adulto

€5

18 E 19 NOVEMBRO, 9 E 10 DEZEMBRO, SÁBADO E DOMINGO

VAMOS ÀS CORES?

Oficina, em torno da exposição *Diálogos de Vanguarda*,
por Ana Gonçalves e Lígia Afonso

18 e 9 | 15H30 ÀS 17H30 | dos 6 aos 10 anos

19 e 10 | 10H30 ÀS 12H30 | dos 4 aos 6 anos + 1 adulto

€5

25 E 26 NOVEMBRO, 16 E 17 DEZEMBRO, SÁBADO E DOMINGO

ARTE E NATUREZA:

PAISAGENS E OUTRAS ARAGENSIS*

Oficina, em torno da exposição *Diálogos de Vanguarda*,
por Frederico Lyra, Patrícia Tiago e Sara Sousa

25 e 16 | 15H30 ÀS 17H30 | dos 6 aos 10 anos

26 e 17 | 10H30 ÀS 12H30 | dos 4 aos 6 anos + 1 adulto

€5

2 DEZEMBRO, SÁBADO, 15H30

ELEMENTAR MEU CARO AMADREO!

Visita-jogo, por Lígia Afonso

Dos 8 aos 13 anos – €4

18 A 22 DEZEMBRO, SEGUNDA A SEXTA

GRAFFITIS NO MUSEU?

Oficina de Natal em torno da exposição de Matej Krén,

por Margarida Botelho e Dora Batalim

10H00 ÀS 13H00 | dos 4 aos 6 anos

14H30 ÀS 17H30 | dos 7 aos 11 anos

€35

18 A 22 DEZEMBRO, SEGUNDA A SEXTA

E SE EU VIVESSE DENTRO DE UM LIVRO?

Oficina de Natal em torno da exposição

Diálogo de Vanguardas, por Lígia Afonso e Carlos Carrilho

10H00 ÀS 13H00 | dos 7 aos 11 anos

14H30 ÀS 17H30 | dos 4 aos 6 anos

€35

26 A 29 DEZEMBRO, TERÇA A SEXTA

ERA UMA VEZ...

DESENHOS À PROCURA DE UMA HISTÓRIA

Oficina de Natal em torno da exposição

Humor e Ilustração na coleção do CAMJAP,

por Carla Robelo e Rita Cortez Pinto

10H00 ÀS 13H00 | dos 7 aos 11 anos

14H30 ÀS 17H30 | dos 4 aos 6 anos

€28

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

4 NOVEMBRO, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

5 NOVEMBRO, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

PELOS CAMINHOS DO MUSEU:

VAMOS AO JAPÃO!

Visita orientada à exposição *Mundos de Sonho*,
seguida de oficinas criativas.

Dos 4 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos – €6

11 NOVEMBRO, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

12 NOVEMBRO, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

O MUSEU EM FAMÍLIA:

VAMOS AO JAPÃO!

Visita orientada à exposição *Mundos de Sonho*,
seguida de oficinas criativas.

Dos 4 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos e seus
familiares [um adulto por criança]

€10 [uma criança e um adulto]

€4 [por cada criança adicional em cada grupo]

19 A 22 E 26 A 29 DEZEMBRO, TERÇA A SEXTA, 10H00 ÀS 13H00

O NATAL NO ORIENTE

Dos 5 aos 7, 9 aos 10 e 11 aos 12 anos

€40 [módulo de 4 manhãs]

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

2, 9, 16 E 23 NOVEMBRO, 7 E 14 DEZEMBRO, QUINTA, 10H00 E 11H00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM MEDIEVAL E RENASCENTISTA

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos
Ponto de encontro: recepção da sede

€4

3, 10 E 24 NOVEMBRO, 15 DEZEMBRO, SEXTA, 10H00

COMO SE FAZ UM CONCERTO?

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos
Concepção e orientação: Verena Wachter Barroso

Ponto de encontro: recepção da sede

€4

8, 15, 22 E 29 NOVEMBRO, 6 E 13 DEZEMBRO QUARTA, 10H00 E 11H00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos – €4

11 NOVEMBRO, SÁBADO, 10H00 E 15H00

TUDO SE TRANSFORMA - MATERIAIS NATURAIS*

Oficina de construção de instrumentos

10H00 | dos 7 aos 9 – 15H00 | dos 10 aos 12 anos – €5

6 A 11 E 13 A 18 NOVEMBRO, SEGUNDA A SÁBADO, 10H00

Os "QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO"*

Oficina de artes plásticas (ver Concertos Comentados),
por Margarida Botelho

6 A 11 | dos 3 aos 5 anos – 13 A 18 | dos 6 aos 12 anos

€4 [sessão]

17 NOVEMBRO, SEXTA, 11H00

CONCERTO COMENTADO [POR ALEXANDRE DELGADO]

Orquestra Gulbenkian

Günter Herbig MAESTRO

Lukás Vondráček PIANO

Schumann, Sibelius

A partir dos 10 anos – €5

Grande Auditório

30 NOVEMBRO, QUINTA, 11H00

CONCERTO COMENTADO

[POR ALEXANDRE DELGADO]

Orquestra Gulbenkian

Yaron Traub MAESTRO

Ravel, Mussorgsky

A partir dos 10 anos – €5

Grande Auditório

14 NOVEMBRO, TERÇA, 22H30

15 A 17 NOVEMBRO, QUARTA A SEXTA, 13H30

18 NOVEMBRO, SÁBADO, 16H00

CONCERTOS (IM)PREVISTOS*

Margarida Bettencourt DIRECÇÃO CÉNICA

Recitais em formato cénico

Dois programas para Amadeo: Ruptura e modernismo

Piso 0 da Sede FCG | Entrada livre

4 A 8 E 11 A 15 DEZEMBRO, SEGUNDA A SEXTA, 22H30

9 E 16 DEZEMBRO, SÁBADO, 15H00

PIANO E OS SEUS AMIGOS

Oficina de exploração musical complementar ao Concerto

Encenado "O piano e os seus amigos" (ver Mini-temporada),

dos 5 aos 13 anos [de 6 a 11], por Carlos Garcia

€4 [sessão]

16 DEZEMBRO, SÁBADO, 10H00 E 15H00

TUDO SE TRANSFORMA - MATERIAIS NATURAIS*

Oficina de construção de instrumentos

Concepção e Orientação: Lydia Robertson

10H00 | dos 8 aos 10 – 15H00 | dos 11 aos 14 anos – €5

6 A 17 DEZEMBRO, 11H00, 11H30 E 15H30

CONCERTO ENCENADO [MINI TEMPORADA]

O PIANO E OS SEUS AMIGOS

Paulo Matos DIRECÇÃO CÉNICA

Catarina Molder CONCEPÇÃO MUSICAL

11H00 | dias 6, 7, 12, 13 e 14

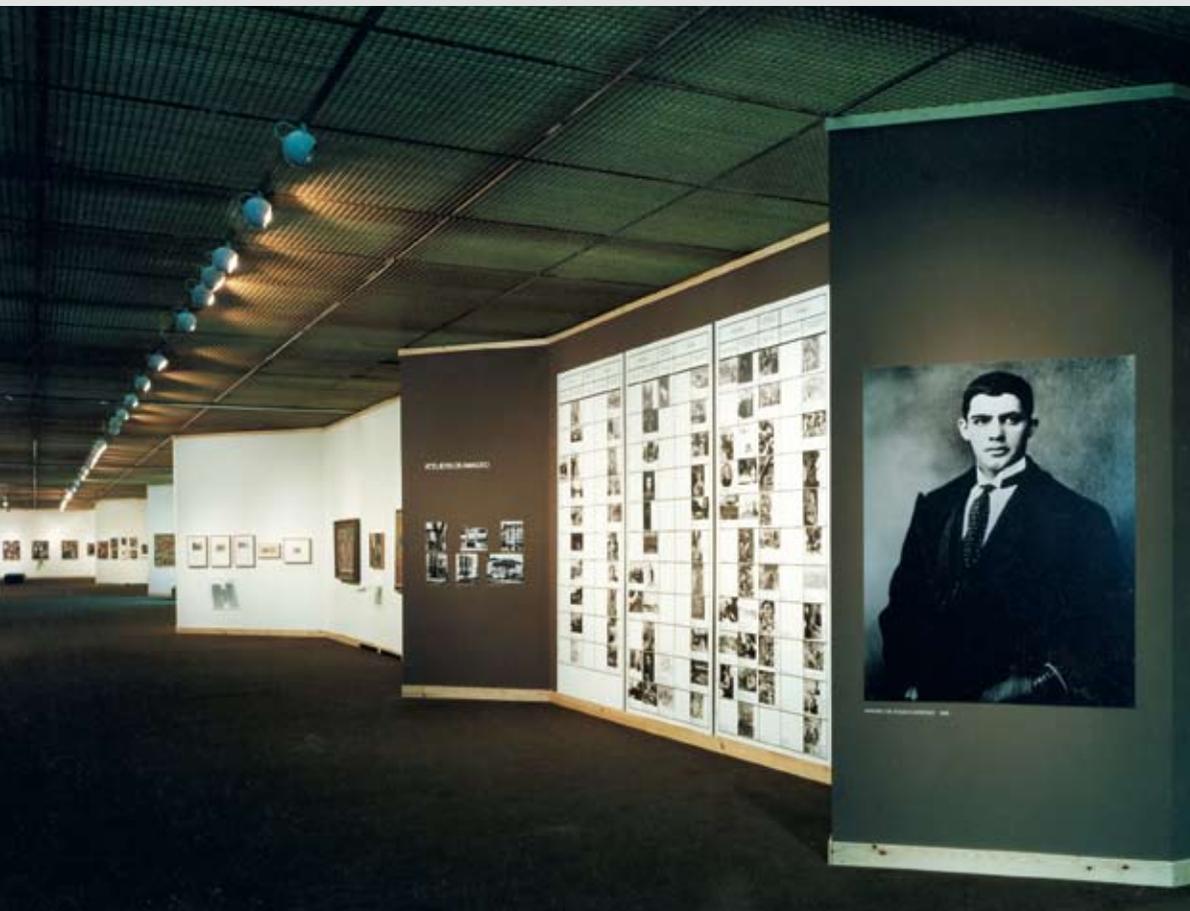
11H30 | dias 10 e 17

15H30 | dias 8, 9 e 16

A partir dos 5 anos – €6

Sala Polivalente

*cruzamentos entre actividade do Descobrir a Música
e do CAMJAP.



MEMÓRIA

Exposição comemorativa do centenário do nascimento de Amadeo de Souza-Cardoso realizada entre Julho e Outubro de 1987 na Sala de Exposições Temporárias da sede da Fundação Calouste Gulbenkian.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos

Serviço de Comunicação
Av. de Berna, 45 A • 1067-001 Lisboa
Tel. 217 823 000 Fax 217 823 027
info@gulbenkian.pt
www.gulbenkian.pt